



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**PRIMITIVA, POPULAR, ERUDITA:
A ARTE DO ESCULTOR CÍCERO SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO (CIZIM)**

FABIANA SALES RIBEIRO

**CAJAZEIRAS – PB
2016**

FABIANA SALES RIBEIRO

**PRIMITIVA, POPULAR, ERUDITA:
A ARTE DO ESCULTOR CÍCERO SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO (CIZIM)**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Dra. Rosilene Alves de Melo

CAJAZEIRAS-PB
2016

Aos meus Pais, Francisca Pereira (Neilma) e Epitácio
de Sousa por sempre estarem ao meu lado...

Dedico!

FABIANA SALES RIBEIRO

Aprovada em: ____ de _____ de 2016

BANCA EXAMINADORA

Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)
Orientadora

Ms. Francinaldo de Souza Bandeira (UFCG)
Examinador

Dra. Maria Lucinete Fortunato (UFCG)
Examinadora

Dr. Osmar Luis da Silva Filho (UFCG)
Suplente

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por estar sempre ao meu lado, me guiando, protegendo e propiciando um caminho de autoconhecimento a partir dos erros e acertos ao longo da vida, porém tudo em seu devido tempo. Por permitir-me pertencer a uma família amorosa e aprender que não importa o que aconteça com amor tudo é possível. Por ensinar-me o amor ao próximo e, assim, buscar encontrar o melhor de cada pessoa.

A minha Mãe, Francisca Pereira (Neilma), e meu Pai, Epitácio de Sousa, maiores incentivadores e investidores de meus estudos. Pelo amor incondicional, apoio em todos os momentos e a presença constante. Por acreditarem em mim, em meu potencial e em minhas decisões pessoais. Por serem referências, posturas, batalhas e ética frente ao que o mundo nos oferece. E, principalmente, por estarem sempre disponíveis, em qualquer momento, e sob qualquer circunstância.

Aos meus irmãos, Marcos Swêus Sales e Maxwell Pereira, pelo amor, companheirismo, admiração e apoio.

A minha orientadora, amiga, Rosilene Melo, que acreditou nos meus devaneios, sistematizou as possibilidades, cobrou com sutileza, apoiou, incentivou, entrevistou em meu favor, ri nos momentos finais da concepção do trabalho. Pela competente e generosa orientação, meu muito obrigado.

A alguns professores, pela amizade, compreensão, durante curso onde cada disciplina era uma novidade e assim fizeram presente em quase todo tempo da licenciatura como Maria Lucinete Fortunato.

Não posso esquecer-me dos demais professores que ao longo do curso também foram importantes colaborando com meus estudos e principalmente me ensinando a pensar. Viviane Gomes de Ceballos, Rodrigo Ceballos, Silvana Vieira de Sousa, Kleber Cecon, Francisco Sales Firmino Neto, Rosemere Olímpio de Santana, Rubismar Galvão, Edileuza, Edinaura, Isamarc Gonçalves Lôbo, Osmar Luiz, Eliane Rolim, Ana Rita Uhle, Francinaldo Bandeira.

Aos funcionários da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais e da Coordenação do Curso de História do CFP, em especial a Joana Sousa, Kellyane Moreira Girleuda Lopes e Miryan Nascimento.

Ao amigo Thiago Farias, por simplesmente ser aquele amigo de todas as horas, sejam elas de trabalho, de produção acadêmica ou de puro lazer e boas risadas não só na Universidade, mas fora dela.

A amiga Jucicleide Arruda, pelo companheirismo, carinho e afeto, e por lembrar-se de mim sempre.

A Maria José da Silva Gomes (Mary), pela linda amizade e irmandade que construímos durante esse período e que vou levar para o resto da vida, pelos trabalhos em grupo, por ter me recebido em sua casa sempre de braços aberto como parte de sua família.

Aos amigos do grupo de seminário, onde estávamos sempre juntos, Raimundo Aquino, Vanderlânia Moraes, Jeane Silva, Júlio Cornélio e Lyvia Gomes.

Agradecerei sempre aos meus colegas do curso de História do período 2011.1, com quem compartilhei momentos difíceis e felizes durante tanto tempo. Posso dizer que esses foram os melhores anos da minha vida!

Aos meus amigos, de tantas caminhadas pelas longas e diversas estradas da vida. Por aqueles que estão longe, porém estiveram presentes em momentos importantes e ainda estão próximos em afeto. E aos que estão perto, afirmam e validam minha escolha pela licenciatura.

Aos colegas monitores Paulo Sergio e Joaquim Neto pelo companheirismo e por me ajudarem tanto nos momentos que mais precisei.

Aos colegas das diferentes turmas que me acompanharam durante o tempo da graduação no ônibus cedido pela prefeitura de Aurora para os universitários da UFCEG.

Ao mestre Cícero Simplício por tudo o que aprendi com esse escultor. Pela sua generosidade em me receber em sua casa e possibilitar estudar e conhecer mais acerca da arte produzida na cidade de Aurora. Agradeço àquele que acabou se tornando meu “objeto de estudo”.

Ao meu namorado Areano Ethério Moreira, pela compreensão e companheirismo nos momentos em que não podia sair e nem lhe dar atenção por conta dos estudos. Agradeço por seu apoio especialmente durante a realização deste trabalho.

A minha Tia Maria, Daniela e Décio, Cícero e Janele, Rejane e tantos outros que me acolheram em sua residência durante o tempo que precisei.

Por fim, a todos os seres vivos que contribuíram direta e indiretamente para minha formação acadêmica, política, ideológica e pessoal, e que fizeram e ainda fazem-me acreditar em tantas possibilidades de trabalho e atuação cidadã, que me fazem pensar ser possível modificar o mundo a partir de pequenas ações, que somadas a outras pequenas ações, resultam em grandes ações transformadoras. E assim, de pouquinho em pouquinho, vamos tentando melhorar nossas vidas e as vidas de outras pessoas, partindo do princípio de que é possível sonhar e, principalmente, alcançar estes sonhos. Basta acreditar em si mesmo, e agir conforme!

RESUMO

Esta monografia tem como temática central a obra do escultor cearense Cícero Simplício do Nascimento. A partir da pesquisa bibliográfica foi possível descobrir que o escultor é conceituado como um artista popular. Então foi necessário discutir teoricamente os conceitos de arte popular (FROTA,1987), cultura popular (CANCLINI, 2000) e artesanato. Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas visitas ao artista que reside na cidade de Aurora, Ceará, onde concedeu entrevista contando sua trajetória. Também foram consultadas fotografias das esculturas do artista para maior conhecimento do seu trabalho. O trabalho pretende contribuir para um maior conhecimento da obra de Cícero Simplício, apontado na bibliografia como um dos escultores mais importantes do Brasil, mais ainda desconhecido pelos moradores da cidade natal, Aurora. O artista já participou de diversas exposições no País e faz parte da Associação de Artesãos do Padre Cícero, na cidade de Juazeiro do Norte, onde suas esculturas estão expostas à venda no Centro de Cultura Popular Mestre Noza.

Palavras chaves: arte popular, cultura popular, Cícero Simplício.

ABSTRACT

This monograph as a central theme of a sculptor cearense Cícero Simplício do Nascimento. From the Library Research was possible discovering what the sculptor and renowned as hum folk artist. So it was required theoretically discuss os folk art concepts (FROTA, 1987), popular culture (CANCLINI, 2000) and crafts. In addition to the Bibliographical Research, were the visits the artist with reside in the city of Aurora, Ceará, where was interviewed counting your trajectory. We were also consulted photographs of the artist's sculptures Para greater knowledge of his work. The work aims to contribute paragraph hum greater knowledge of the work of Cícero Simplício, pointed out in the literature as hum of sculptors more important of Brazil, More still unknown for residents of Hometown, Aurora. The artist already participated in several exhibitions in the country and is part of the Craftsmen Association of Padre Cícero, in the city of Juazeiro, where its sculptures are displayed for sale in the Center of Popular Culture Master Noza.

Palavras chaves: arte popular, cultura popular, Cícero Simplício.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. ARTE POPULAR: DEFINIÇÕES, CONCEITOS E (CON) TRADIÇÕES.....	17
1.1.Múltiplas culturas, múltiplos conceitos	17
1.2.. Da teoria à ação: a escultura “popular” e a Comissão Nacional de Folclore	22
1.3.Do artesanato à arte: a escultura em Juazeiro do Norte	25
CAPÍTULO 2. A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE CÍCERO SIMPLÍCIO	33
2.1. O artista e seu universo cultural	33
CAPÍTULO 3. IMAGENS DE CIZIM: AS ESCULTURAS COMO REPRESENTAÇÕES DE SEU MUNDO	42
3.1 A vida social e o cotidiano a partir do olhar de Cizim	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO	57

INTRODUÇÃO

Uma introdução deveria ser um exercício da imaginação daquilo que ocorreu entre o pesquisador e seu objeto. Demonstrar de onde vieram as ideias, sintetizar as escolhas e descrever, de forma convidativa aos leitores, o resultado de uma pesquisa. Para isso, é preciso deixar claro o objeto e os objetivos, apontando uma trajetória que possa servir de mapa para aquilo que o leitor irá encontrar. A isto me proponho, escrevendo no limiar do lírico e compartilhando minha experiência pessoal.

E tudo começa num acontecimento que está na minha memória ...

Esta pesquisa teve início durante a disciplina de Projeto de Pesquisa I, quando tive a oportunidade de adentrar no universo da pesquisa e começar a definir uma temática a ser transformada em objeto, quando pude amadurecer uma ideia, mas não conhecia nada ainda sobre a proposta. Numa conversa com a professora Rosilene Melo, soube que havia um grupo de escultores de madeira na cidade de Aurora, cidade onde nasci. Imediatamente me interessei em descobrir mais sobre esses artistas que não conhecia, apesar de morar em Aurora. Não sabia se seria possível trabalhar com essa proposta, pois não encontrei nenhum trabalho acadêmico produzido sobre os escultores em madeira de Aurora. Morando na zona rural e visitando diariamente a cidade de Aurora, desde o Ensino Fundamental e Médio, nunca tinha ouvido falar desses artistas e fiquei fascinada com esse desafio, pois iria ter a oportunidade de pesquisar sobre a arte produzida na minha cidade.

Assim fui cursando as demais disciplinas de Projeto de Pesquisa, mantendo sempre o interesse pela proposta e procurando desenvolver a pesquisa, porém enfrentei algumas dificuldades iniciais. Durante a greve dos professores em 2012 aproveitei a interrupção das aulas para começar a pesquisa, quando descobri que os artistas mais conhecidos nacionalmente, Cícero Simplício do Nascimento (Cizim) e seu irmão e Geraldo Simplício (mais conhecido como Nêgo Simplício), não estavam na cidade. Cícero Simplício estava fazendo uma exposição em Fortaleza e Nêgo Simplício reside há muitos anos na cidade do Rio de Janeiro e raramente visita a cidade de Aurora.

Após algum tempo de espera procurei descobrir o endereço da residência de

Cizim em Aurora. Porém raramente Cícero Simplício se encontra em casa, descobri que ele viaja constantemente para exposições e para a cidade de Juazeiro do Norte a fim de comercializar suas peças no Centro de Cultura Popular Mestre Noza. Assim foi o período inicial da pesquisa.

Relatei para a professora Rosilene Melo a minha luta e como não havia obtido êxito em encontrar pessoalmente o escultor Cícero Simplício. Na ocasião a Professora me orientou a procurá-lo novamente.

Durante uma conversa com alguns amigos da cidade, Cícero Bernardo, Décio Passo, Daniela Ferreira, Ângela, Karina, mencionei o interesse em encontrar o artista Cizim que eu mesma não conhecia e que alguns destes amigos também não conheciam. Os amigos resolveram me ajudar na procura e durante uma conversa com o secretário de cultura da Aurora, José Cícero afirmou que tinha muita proximidade com o artista porque costuma comprar suas obras e afirmou que estava disposto a me ajudar. Na ocasião José Cícero forneceu todos os contatos de telefone e endereço de Cizim. Desta maneira consegui o contato pessoal com o artista.

Depois de muitas tentativas frustradas de encontrar Cícero Simplício em sua residência, finalmente no feriado de São João de 2015 abordei o escultor às cinco e meia da manhã. Minha intenção era realmente surpreendê-lo que não esperava me encontrar tão cedo em sua casa e fui muito bem recebida. Na ocasião pediu desculpas pelas vezes que já tinha procurado na sua residência e nunca o encontrava e assim fiz a entrevista.

Foi uma conversa descontraída, agradável, e decisiva para os rumos da pesquisa. Na entrevista Cícero Simplício falou de sua arte, da sua relação com a cidade de Aurora e de seu lugar de produção. Falou da cidade de Aurora com muito entusiasmo, pois era ali que trabalha. O artista Cícero Simplício (Cizim) faz parte de um grupo de artesãos da cidade assim como seu irmão Geraldo Simplício (Negô Simplício), dentre outros. Cícero Simplício (Cizim) nasceu em Aurora e trabalha desde sua juventude com cimento e madeira para criar suas esculturas, mas é na madeira que alcança a primazia em seu trabalho. A cidade de Aurora, além de escultores, também possui uma tradição cultural que inclui repentistas, cordelistas. Estes saberes são transmitidos nos programas de rádio dedicados à poesia de cordel e ao repente existentes até hoje na cidade, além das cantorias que ocorrem na feira e nos bares

situados nas proximidades. Este ambiente cultural teve uma influência decisiva na formação artística dos moradores que se dedicaram à arte.

A cidade de Aurora possui 24.566 habitantes, ou seja, uma cidade de pequeno porte. Historicamente Aurora possui uma relação econômica e cultural bastante intensa com a cidade de Juazeiro do Norte, distante apenas 130 quilômetros. A religiosidade efervescente em Juazeiro do Norte influenciou decisivamente a produção de esculturas religiosas e ex-votos como expressões da fé no Padre Cícero e do catolicismo popular. Neste sentido, a cidade de Juazeiro do Norte polarizou a produção e o comércio de objetos religiosos, artesanais e artísticos dedicados aos romeiros que se dirigem diariamente a este centro de romaria. Através da história de vida de Cizim, foi possível perceber como a escultura popular produzida em Aurora recebeu a influência do artesanato e da arte praticadas em Juazeiro do Norte, especialmente com a criação do Centro de Cultura Popular Mestre Noza, em 1984, quando a produção da região do Cariri passou a ter um espaço próprio para comercialização.

Portanto, a intenção desta pesquisa é mostrar que há uma referência histórica, social e coletiva, na formação dos artistas da cidade de Aurora. É importante ressaltar que a arte e tudo aquilo que se produz para o consumo de bens culturais se transforma em renda para os artistas, em meio de vida e na geração de empregos. Por outro lado, a vida de Cizim é um ponto de partida para discutir as influências históricas na sua formação artística, mas ao mesmo tempo, as dificuldades que os artistas considerados “populares” ou mesmo “artesãos” enfrentam no mercado de bens simbólicos. Apesar de seu trabalho ser reconhecido nacionalmente, sendo citado em diversos livros dedicados à arte popular brasileira (FROTA, 1987; BEUQUE, 2000), Cizim considera que não tem reconhecimento pelo seu trabalho, nem valorização profissional. Sua história de vida é também uma história de luta pelo reconhecimento da arte praticada por aqueles que não tiveram acesso à formação em escolas de arte e que são considerados autodidatas.

O trabalho de Cizim possui uma grande identificação com a arte sacra, com os santeiros que desde o período colonial produziram imagens para ornamentação dos altares das inúmeras igrejas católicas espalhadas no Brasil, desde o período da catequese. Esta arte se refinou com a criação barroca, extremamente refinada e

rebuscada, representada pelo trabalho de Aleijadinho em Minas Gerais. Desde então, inúmeros escultores vêm se dedicando à produção de imagens de santos e ex-votos, uma arte secular e que atravessou o tempo chegando até os dias de hoje, resistindo ao tempo. O trabalho de Cizim também possui fortes referências da arte indígena brasileira e da arte primitiva africana. Seus traços mostram que sua escultura é uma síntese da cultura brasileira em sua diversidade histórica.

Cícero Simplício não teve acesso à escolarização, não sabe ler ou escrever, nunca estudou numa escola de artes. Em Aurora poucos moradores o conhecem e anda anonimamente pelas ruas da cidade, sem que a maioria perceba que seu trabalho é uma referência nacional, tendo algumas de suas esculturas expostas no Museu do Folclore e no Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro, além de galerias particulares e catálogos de arte brasileira.

O teor desse trabalho acadêmico é partir da história de vida de Cícero Simplício para discutir as questões relacionadas à arte popular brasileira, à questão da autenticidade da escultura popular, problematizando a noção do popular a partir da experiência concreta deste artista em particular. A intenção é mostrar a originalidade dos traços de Cizim e, ao mesmo tempo, mostrar as conexões de seu trabalho com a produção artística brasileira e suas diferentes influências estéticas. Sobre a trajetória de Cizim, a colecionadora e artista plástica Heloísa Juaçaba afirmou que:

Sem ter tido escola, sem saber ler e escrever; as esculturas fluem de suas mãos como mágicas, através de ferramentas comuns com fisionomia, atitudes e gestos expressivos. Sua arte parece conter a trilogia na qual se convencionou dividir os trabalhos artísticos: primitivo, popular e erudito” (JUAÇABA, Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2014/07/cizin.html>. Acesso em: 25. ago.1998).

Além disto, esta pesquisa pretende contribuir para a produção historiográfica local acerca da cidade de Aurora, levando-se em consideração que até então não há nenhum trabalho sobre a história de Cícero Simplício em Aurora, nenhum estudo acadêmico que mostrasse sua presença na história da arte popular produzida no Brasil. Neste sentido, este trabalho tem como justificativa social mostrar a relevância da arte de Cícero Simplício e relacionar como questões mais amplas, como a presença desta arte como caminho para pensar a formação cultural brasileira e a exclusão da arte

popular do circuito comercial.

Para tal abordagem foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a arte popular brasileira, com destaque para os trabalhos de Sílvia Rodrigues Coimbra (1980), Lélia Coelho Frota (1974; 1975; 1987; 2005), Sylvia Porto Alegre (1994), Jacques Van De Beuque (2000) e Rosilene Alves de Melo (2013). Em seguida os conceitos de arte popular e cultura popular foram pensados a partir das leituras das obras de Durval Muniz (2001; 2013), Peter Burke (2008) e Néstor García Canclini (2000).

As entrevistas com Cícero Simplício a partir da perspectiva da história de vida foram fundamentais nesta pesquisa. Em seguida foram identificadas as esculturas produzidas pelo artista a partir de catálogos de exposições e imagens arquivadas em blogs e sites na internet, pois o próprio Cícero Simplício não possui um acervo fotográfico de suas esculturas.

No primeiro capítulo, apresento o contexto social em que o sertanejo nordestino Cícero Simplício se encontra e as formas de relações sociais bem como os fatores possivelmente de formação desse artista tão renomado. Abrangendo uma abordagem detalhada acerca da origem e o desenvolvimento da cultura popular brasileira do qual se torna necessário uma breve aproximação sobre o lugar social em que surge o artista Cícero Simplício como escultor de madeira. Argumentando o fato da escultura em madeira ser uma manifestação cultural permeando singularidades, revelando formas diferentes de arte popular nos lugares por todo o Brasil. Trataremos da emergência de percebê-la de uma forma mais homogeneia tendo em vista os elementos que há compõe e que permite a sua sobrevivência enquanto uma cultura ressignificada.

O segundo capítulo discorre em torno da figura de Cícero Simplício (Cizim). Dentre tantos outros artistas da cidade de Aurora, este tem também uma representatividade muito forte na cidade de Juazeiro do Norte. No Centro Cultural Mestre Noza, Cizim é procurado por um contingente considerável de pessoas, que vão à cidade em busca de uma obra de arte e por ele possuir um estilo diferenciado dos demais artistas. Destacamos desde inicio, a representação popular do artista Cizim em meio aos demais artistas populares. Contudo isso não é o bastante. Oriundo de uma família pobre ele, juntamente com seus demais irmãos fizeram carreira e se destacaram no mundo da arte. Preservar este poder é desta forma preservar a se mesmo e ao outro

que faz parte do ciclo de vivências coletivo e individual em todas as partes em que este se faz perceber.

No terceiro capítulo é realizada a abordagem da trajetória do Mestre Cícero Simplício do Nascimento a partir dos depoimentos obtidos: as formas de ver e pensar a arte popular do artista, como elabora a auto representação através de suas esculturas e como sua arte contribui para a discussão da noção de resistência cultural presente na escultura popular, bem como a simbologia da arte nas representações que há circundam. A arte funciona para o artista como um processo criativo sob forte componente a identidade e o enraizamento na cultura do local em que é produzido, e cujo produto é dotado de valor simbólico, estético e utilitário. Esta é a lógica de ser escultor que não se inscreve apenas na hora em que está produzindo arte, mas em toda a legitimação pessoal do artista.

CAPÍTULO I:

ARTE POPULAR: DEFINIÇÕES, CONCEITOS E (CON) TRADIÇÕES

“Na verdade, são poucos os que sabem da existência de um pequeno cérebro em cada um dos dedos da mão, algures entre a falange, a falanginha e a falangeta.”

(José Saramago, A Caverna. 2000)

1.1 Múltiplas culturas, múltiplos conceitos

Segundo Abreu (2003), desde o final do século XIX, a expressão “popular” esteve presente no pensamento intelectual brasileiro, formado por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas, preocupados com a construção de uma identidade nacional de base autêntica. Artistas, políticos, literatos, intelectuais tentaram responder a estas questões relacionando cultura popular com variados atributos, por vezes contraditórios: ora considerara como a não-modernidade, o atraso, o interior, o local, o retrógrado, o entrave à evolução; ora com o futuro positivo, diferente, autêntico, especial e brilhante para o país, valorizando as singularidades culturais e a vitalidade de uma suposta cultura popular, responsável pelo nascimento de uma nova consciência, uma nova civilização, sempre mestiça.

O conceito de “cultura popular” foi problematizado pelo pensador marxista Antônio Gramsci. Segundo Gramsci (2008), a luta de classes também ocorre no campo da produção cultural. É no plano cultural que ocorre a hegemonia da ideologia burguesa, responsável pelo discurso dominante na sociedade. O autor procura mostrar a importância de construir uma nova cultura, base para uma nova ordem social, que não seja privilégio de grupo de intelectuais, mas uma criação comum. A cultura se apresenta, assim, como um saber que se produz na relação com a ação, o pensar que cria e transforma, em síntese, o mundo do trabalho.

A partir dos anos quarenta e cinquenta do século XX, a cultura popular assumiu uma perspectiva política associada aos populismos latino-americanos, que procuravam oficializar imagens reconhecidamente populares às identidades nacionais e à legitimidade de seus governos. Sejam eles no sentido positivo ou negativo

dependendo do impacto cultural que se pretendia na mentalidade das pessoas.

Néstor Garcia Canclini define a cultura popular como sendo a cultura dos excluídos: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a serem artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos (CANCLINI, 2000, p.205). O popular costuma ser associado ao pré-moderno e ao subsidiário. Contudo, o popular deve ser visto mais como algo construído como pré-existente, Ou seja, o popular já existia desde invenções das tradições e o povo com sua voz e expressão se manifestando através da cultura popular, da sua cultura.

Segundo Eric Hobsbawm na obra *A Invenção das Tradições* (2002), os costumes são elementos da cultura que exemplificam melhor o processo de elaboração conservação de um dado discurso e o legitimam como um processo histórico de um povo. Hobsbawm defende a capacidade de mudança dentro das tradições, afirmando que o único meio de manter uma tradição viva é a capacidade de adequação aos novos costumes, para mantê-la imutável, seria necessário afastá-la, colocada em um ambiente isolado, o que terminaria por condená-la a morte.

A tradição possuiu a capacidade de se renovar e dinamizar graças a um segundo fator, que foi apenas citado acima: o costume, outro elemento fundamental na construção da cultura popular e na mediação dos novos e antigos discursos. O autor apresenta um conceito de costume que permite uma compreensão melhor desse elemento:

O “costume” nas sociedades tradicionais tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar, até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência a inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o exposto na História (HOBSBAWM, 2002, p. 10).

Conceituando costume, em um estudo sobre tradições inventadas, ou seja, tradições estabelecidas institucionalmente ou difíceis de localizar num período limitado e determinado no tempo. Para melhor clarear esse conceito:

Por tradição “inventada”, entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores, normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 2002, p. 9).

Segundo este autor, abre-se um importante elemento para compreender como as tradições são usadas na manutenção dos Estados-Nações, criando um passado comum unificante capaz de desenvolver as ditas “comunidades imaginadas”. Isso implica que criar uma tradição diz respeito a legitimar um passado histórico comum, capaz de unificar um determinado povo, ou mesmo povos distintos dentro de um mesmo espaço. Portanto essa prática das tradições foi muito profícua no final do século XIX e início do século XX. Seu objetivo era criar e comunicar a identidade nacional, aumentando as “razões” da continuação de determinada tradição.

1.2 Da teoria à ação: a escultura “popular” e a Comissão Nacional de Folclore

O interesse pela escultura popular no Brasil surgiu no Movimento Modernista de 1922 que desencadeou a Missão de Pesquisas Folclóricas, coordenada por Mário de Andrade em 1938 e que percorreu os Estados com vistas a registrar e documentar as expressões culturais ainda desconhecidas no Brasil e praticadas há séculos pela população. Rituais, festas, cânticos, literatura, tradições passam a fazer parte de um campo de investigação multidisciplinar organizado a partir da categoria “Folclore”.

A necessidade de ampliar e aprofundar o estudo das “tradições” e da “identidade nacional” estão na base de formulação de uma série de ações voltadas para a proteção e preservação das práticas e expressões da cultura tradicionalmente brasileira. Uma destas ações foi a realização da Exposição de Cerâmica Popular Pernambucana, realizada no Rio de Janeiro em 1947. Naquele ano seria criada a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura que estimularia a criação da Comissão Nacional de Folclore, que reuniria intelectuais, pesquisadores, dedicados à

missão de inventariar a arte popular, até então anônima, produzida no País. Na ocasião, o público tomou conhecimento, pela primeira vez, da obra do escultor Vitalino Pereira dos Santos (1909-1963), mais conhecido como Mestre Vitalino.

A obra de Vitalino surpreendeu e encantou o público e a crítica de arte especializada, pelas referências ao universo cultural através da arte figurativa. Suas peças de dimensões pequenas, produzidas improvisadamente no forno da própria residência, revelam as referências ao universo rural do Brasil: os animais, o trabalho, o cotidiano, as brincadeiras, são as temáticas que sobressaem nos bonecos de barro. Feitos para serem vendidos na feira de Caruaru, as peças de barro de Vitalino eram produzidas para serem consumidas pelos próprios moradores da cidade e não tinham a intenção inicial de ingressarem no circuito das galerias de arte e museus. Apesar disto, em 1949 Vitalino teve suas esculturas expostas no Museu de Arte de São Paulo e em 1955 integrou a exposição Arte Primitiva e Moderna Brasileira, realizada na Suíça (COIMBRA et al, 1980). Em 1951, o *designer* francês Jacques Van de Beuque adquiriu um conjunto de peças produzidas por Vitalino, que se tornou o início da maior coleção particular do gênero no Brasil e que se transformou no Museu Casa do Pontal.

Apesar de ter seu trabalho exposto em diversas mostras e do reconhecimento da crítica, Vitalino nunca deixou o bairro do Alto do Moura em Caruaru. Ao mesmo tempo, a fama e o reconhecimento não trouxeram uma mudança nas condições de vida do escultor, que morreu pobre e deixou como única herança para os filhos o saber-fazer esculturas figurativas em barro. A trajetória de Vitalino não é diferente dos escultores que antes dele morreram anônimos e sem reconhecimento. Ao contrário, a trajetória de Mestre Vitalino guarda muitas semelhanças com aqueles que o sucederam e em particular com a trajetória do artista figurativo Cícero Simplício, de Aurora. Estas aproximações entre Vitalino e Cizim sugerem um universo cultural próprio, comum a muitos artistas brasileiros, que não tiveram acesso a uma formação escolar, erudita, e que são denominados “escultores populares”.

A trajetória das pequenas peças de barro de Mestre Vitalino exigiu o repensar acerca dos objetos utilitários e artísticos produzidos anonimamente no Brasil e de suas relações com a herança cultural da indígena na confecção de potes para o uso doméstico, das esculturas rituais africanas e dos objetos devocionais do período

colonial. Estes objetos, embora tivessem um uso utilitário como peças do cotidiano doméstico, como brinquedos infantis, como objetos de decoração para as populações mais pobres, são indícios materiais da formação histórica do Brasil e, por este motivo, chamaram a atenção de estudiosos, pesquisadores e galeristas. Vivendo em precárias condições, com dificuldades de acesso às condições mínimas de sobrevivência e sem o reconhecimento de seu trabalho artístico, estes escultores desafiam à lógica do mercado, mantendo a integridade de seu trabalho e coerência, apesar da ausência de incentivo e reconhecimento do público. A vontade de fazer arte, embora as condições não favoreçam, revela a presença de uma resistência cultural presente nestes objetos e conferem legitimidade a seus produtores. Portanto, esses objetos são pontos de partida para questões muito mais complexas do que a obra em particular de um artista.

É então que aparece a natureza complexa do trabalho que realizam. Por um lado a arte de esculpir situa-se, para seus autores, como uma arte entre outras, em seu velho sentido: arte de pedreiro, arte de carpinteiro, arte de pintor, etc. Arte e ofício encontram-se, portanto, no mesmo plano. Mas por outro lado, para garantir um espaço de trabalho que lhes dá satisfação, possibilita algum poder de decisão e uma remuneração um pouco menos insuficiente, os escultores – aceitando os valores que lhes são atribuídos – também conceitual sua produção como arte popular, não sem denunciar as injunções do mercado a que estão submetidos, a condição de arte inferior que lhe é atribuída, a situação de exploração em que continuam vivendo (COIMBRA et al, 1980, p. 01).

Nos anos 1960 e 1970, o esforço de documentação, registro e difusão produção artística popular permitiu a identificação de uma série de escultores, até então anônimos, que realizavam seu ofício à despeito de apoio ou reconhecimento estatal ou público. Assim, graças ao esforço dos folcloristas e acadêmicos a riqueza do patrimônio cultural brasileiro pôde ser inicialmente inventariada. Em 1969, Piero Bardi organizou no Museu de Arte de São Paulo a exposição intitulada “A mão do povo brasileiro”; em 1976 Jacques Van de Beuque realizou no Rio de Janeiro a exposição do acervo pessoal na mostra de Arte popular brasileira (MASCELANI. 1999).

A partir de então alguns nomes começam a fazer parte de catálogos de exposições e seus trabalhos passam a ser reconhecidos. Luíz Antônio (Alto do Moura-PE); Antônio de Oliveira (Belmiro Braga - MG); Adalton (Niterói - RJ); João e Maria Alves (Vale do Jequitinhonha - MG); Saúba (Recife - Olinda); José Apôlonio (Alto do

Moura - PE); Maria de Beni (Pirenópolis - GO); Mudinha (S. José dos Campos - SP); Jonjoca (S. João do Meriti - RJ); Edgar Freitas (Fortaleza - CE); Tamba (Cachoeira - BA); Antônio Poteiro (Goiania - GO); G.T.O. (Divinópolis - MG); Nhô Caboclo (Recife - PE); Ana do Baú (Vale do Jequitinhonha - MG); Adriano (Recife- PE); Otávio (Cachoeira - BA); Sólton, Zé Caboclo (PE), Manuel Eudócio (PE), Manuel Galdino (PE); Dadinho (RJ); Laurentino (PR) e Mestre Didi (Cachoeira - BA), Artur Pereira (Cachoeira do Brumado, MG), José Valentim Rosa (Belo Horizonte, MG).



Figura 1. Peixe Grejila (1975), escultura de José Valentim Rosa (FROTA, 1975)

Além da identificação das esculturas produzidas por estes artistas, as investigações realizadas por colecionadores, folcloristas, historiadores e antropólogos contribuíram para o registro das histórias vida e de trabalho, quando se torna possível perceber que todos esses artistas possuem uma trajetória de exclusão social.

Descendentes diretos de escravos, de camponeses, de indígenas, suas histórias pessoais revelam a ausência de qualquer formação acadêmica e, por outro lado, a imersão nas influências sociais, religiosas, culturais e cotidianas da população.



Figura 2. Escultura de José Valentim Rosa.

Fonte: http://educativopavilhao.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html

Alguns destes artistas, como Geraldo Teles de Oliveira (mais conhecido como G.T.O.), organizam de maneira extremamente própria, particular, as imagens que estão circulando na sociedade juntamente com uma perspectiva particular, pessoal, de seu universo cultural. Em entrevista a antropóloga Lélia Coelho Frota, Geraldo Teles de Oliveira identifica as influências presentes em sua obra:



**Figura 3. Escultura de Geraldo Teles de Oliveira (G.T.O.).
Fonte: <https://eusr.wordpress.com/2011/11/22/roda-da-vida/>**

Eu fiz índio que também sou da mesma raça. Vovó era índia. Ela era do Rio Ipiranga, Estado de Manaus, mãe de papai. Ela foi presa pegada no braço pra cria, novinha, tava mamando ainda. Foi desses índio que ia atacar meu avô, mais os companheiros dele que ia mexer com esse negócio de descoberta de terreno praí abaixo. Foram obrigado a mata os índio, então lá viu a vovó piquitinha, e pegou ela pra criar.

O meu avô gostava muito de reisado e tinha lá uma negrada da África. Meu avô era comprador de negro na África, pra vender. E os negros ensinava a ele o reisado. Eles saía, era com fantasia de índio, com tambor e cantando na língua deles. (...) Eu já fiz peças de três tipos de reisado, eu fiz muito reisado. Vovô tinha muito escravo. Papai já tava liberado. (apud FROTA, 1975, p. 132).

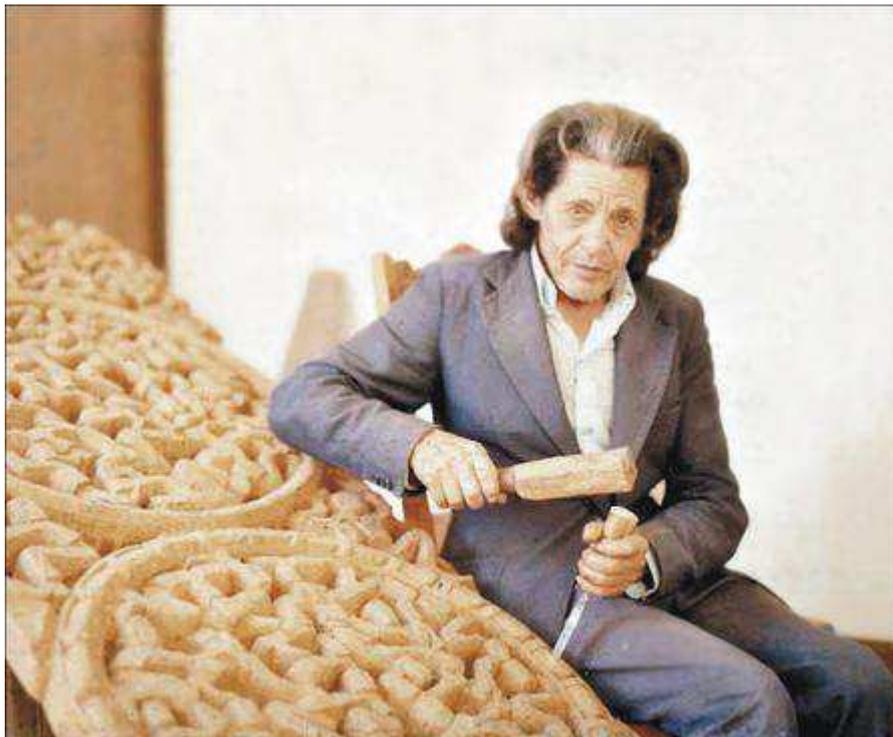


Figura 4. Geraldo Teles de Oliveira (G.T.O) esculpindo uma de suas obras.
Fonte: <https://eusr.wordpress.com/2011/11/22/roda-da-vida/>

Portanto, a partir da breve citação de G.T.O é possível mergulhar neste vasto mundo de cruzamentos culturais proveniente da formação histórica brasileira e das diversas culturas imbricadas e que se expressam por meio da produção artística. Cada vez mais pessoas e instituições passaram a reconhecer a importância do trabalho destes artistas que, na sua maioria não obtiveram o devido reconhecimento pelo público e pelo mercado de arte.

1.3 Do artesanato à arte: a escultura em Juazeiro do Norte

Em Juazeiro do Norte, assim como em grande parte do território brasileiro, a produção artística tem uma relação direta com o artesanato e as artes de influência africana e indígena. No entanto, a formação histórica da cidade e sua relação com a influência do catolicismo, a partir da romaria ao Padre Cícero, iniciada em 1889 como o “milagre da hóstia”, criou uma demanda por objetos religiosos de diversos tipos: ex-votos, medalhas, terços, esculturas de Santo Antônio, São José, São Francisco e, especialmente, do próprio Padre Cícero. Além dos objetos religiosos, o crescimento da

população, a urbanização de Juazeiro trouxe a procura por objetos utilitários de uso doméstico, tais como: panelas, “colher de pau”, malas, gaiolas calçados, candeeiros, espingardas, brinquedos. Os materiais utilizados eram couro, metais, palha, ouro, alumínio, Estes objetos eram produzidos em pequenas oficinas situadas no interior das residências e eram comercializados nos pontos de peregrinação religiosa.

Paralelamente à consolidação do espaço sagrado em Juazeiro do Norte ocorreu a consolidação de um espaço econômico, a partir da produção artesanal e fabril de pequena e média escala e da comercialização de folheados a ouro, utensílios domésticos, roupas e calçados e artigos religiosos para atender à demanda dos que vinham orar, consolidando-se, então, um espaço econômico interligado ao espaço sagrado. (ARAÚJO, 2005, p. 27).

Na cidade de Juazeiro do Norte, por ocasião da devoção ao Padre Cícero, os romeiros costumavam deixar seu ex-votos na Casa dos Milagres, na estátua do Horto e no Museu do Padre Cícero, locais onde os romeiros renovavam a sua fé por alguma graça alcançada. No museu do Padre Cícero há de tudo um pouco: objetos pessoais do Padre Cícero fazem parte do acervo junto como inúmeros ex-votos. Talvez uma das mais curiosas peças em forma de ex-votos que se possa encontrar é um vestido de noiva, o que deixa muitas indagações. O que queria essa moça ao deixar um vestido como o ex-voto? Era uma graça alcançada? Ou um pedido para conseguir um marido e um bom casamento? Assim, podemos perceber como se multiplicam as graças alcançadas e suas relações com os objetos produzidos na cidade.

A partir desta produção artesanal, doméstica, que alguns escultores começaram a se especializar em imagens de santos. Mestre Manoelzim, Marcílio Ferreira, Manoel Lopes da Silva (Manoel Santeiro), Jálí Rodrigues, Mestre Nésio, João Pereira da Silva, José Ferreira da Silva, José Domingos dos Santos, Manoel Santino de Melo, Antônio Batista Silva (Antonio Relojoeiro), Antônio Vicente Sobrinho, Laudelino, Antônio Imaginário, José Domingos, Antônio Duarte, e Mestre Noza formaram, portanto, a primeira geração de santeiros e xilógrafos de Juazeiro do Norte nas primeiras décadas do século XX; no entanto, por ser considerado artesanato, o trabalho destes escultores não teve naquele momento o reconhecimento como obra de arte (MELO, 2013).

Somente em 1961, com a publicação em Paris de um álbum de xilografuras

intitulado *Via Sacra*, produzido pelo escultor Mestre Noza, a produção de Juazeiro do Norte passou a ter um outro tratamento. A coleção de xilogravuras e a realização da exposição na Europa foram organizadas pelo Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC, que desde então vem reunindo em seu acervo objetos produzidos no Cariri cearense. O sucesso das xilogravuras de Mestre Noza no exterior, o seu reconhecimento posterior em exposições no Rio de Janeiro e em Fortaleza chamou atenção para o aspecto artístico da produção que até então era considerado apenas como “artesanato”.

No entanto, apesar do início de uma mudança, de um maior reconhecimento pelo caráter estético do trabalho realizado em Juazeiro do Norte, a condição social destes trabalhadores ainda era muito difícil. Não havia uma valorização das peças e muitas vezes os escultores e artesãos dependiam exclusivamente dos atravessadores, comerciantes que ficavam com o lucro da venda das peças. Alguns dos artistas mais reconhecidos localmente tiveram uma vida de pobreza e morreram nesta condição. O próprio Mestre Noza foi um exemplo disto, pois foi enterrado como indigente em São Paulo, onde viveu os últimos anos de vida. Esta situação provocou a mobilização destes trabalhadores que começaram a se conscientizar da importância de uma luta em torno de melhores condições de trabalho, de reconhecimento e de valorização de suas obras.

A primeira iniciativa institucionalizada neste sentido foi a criação da Cooperativa de Artesanal do Cariri – COCADA – em 1974. A intenção desta cooperativa era promover a colaboração mútua entre os produtores de peças de barro, couro, madeira, palha e reunir a produção num único local com a finalidade de valorizar o trabalho e valorizar financeiramente estes produtos. No entanto, a falta de apoio não fez com que a COCADA fosse adiante e a situação dos escultores permaneceu bastante difícil.

Na década de 1970 os antropólogos Luiz Felipe Baêta Neves e Lélia Coelho Frota escreveram textos em que havia uma preocupação com a crítica da perspectiva folclórica imbuída no trabalho da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em relação às produções classificadas como “artesanato”. A ideia destes autores era se afastar da interpretação ainda dominante naquele momento, em que os objetos e a arte das populações pobres eram tomados como típicas, simples, rústicas, desprovidas de

uma elaboração artística (FROTA, 1974; NEVES, 1974).

Ao longo do tempo algumas ações se concretizaram no sentido de valorizar o trabalho dos artistas e mostrar as questões sociais presentes nessa produção até então considerada artesanal, anônima, simples.

Uma das demonstrações institucionais deste reconhecimento foi a criação da Sala do Artista Popular – SAP – criada em 1983 pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. A SAP passou a funcionar nas dependências do Museu de Folclore Edson Carneiro, na cidade do Rio de Janeiro, onde atualmente funciona o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, instituição do Governo Federal responsável pela proteção e difusão das expressões e tradições artísticas consideradas populares. A partir da criação da Sala do Artista Popular nas dependências do Museu de Folclore Edson Carneiro, diversas exposições foram realizadas, fruto de pesquisas de campo junto a comunidades e artistas ainda pouco conhecidos. As exposições da SAP conjugam a pesquisa de campo de perspectiva etnográfica com o trabalho de coleta e reunião de objetos produzidos por artistas e comunidades. O trabalho realizado no Museu de Folclore Edson Carneiro possibilitou tornar conhecido da população inúmeros artistas que se utilizam de materiais presentes em suas comunidades e de técnicas apreendidas junto aos antepassados, sem passar pela formação erudita.

Em 1983 o Instituto Nacional de Folclore, órgão da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), promoveu um seminário para discussão das políticas públicas voltadas para a proteção e difusão do artesanato brasileiro. Intitulado “*Encontro de produção de Artesanato e Identidade Cultural*”, o encontro tinha como objetivo buscar soluções para a precariedade das condições de vida e trabalho de inúmeros artesãos e artísticas brasileiros que não tinham apoio do Estado para a manutenção de suas tradições. Foi neste evento que surgiu a idéia de criação de experiências concretas de fomento ao artesanato e a arte popular.

Reconhecendo a importância histórica do artesanato produzido em Juazeiro do Norte e da arte popular associada que o Instituto Nacional de Folclore resolveu promover iniciativas de fortalecimento desta tradição cultural, consolidada na região do Cariri desde a ocupação deste território pelas populações indígenas que introduziram a confecção de objetos em barro e palha, juntamente com a tradição da escultura sacra

influenciada pelo fenômeno das romarias ao Padre Cícero. A cidade de Juazeiro do Norte era a síntese dessa mistura cultural ocorrida no Brasil.

O “*Encontro de produção de Artesanato e Identidade Cultural*” propôs a algumas iniciativas para a valorização do trabalho realizado em Juazeiro do Norte. Em 1984, no período de 31 de julho a 22 de agosto de foi realizada na Sala do Artista Popular do Museu de Folclore Edson Carneiro a exposição intitulada “*Artistas de Juazeiro do Norte*”, reunindo objetos produzidos em cerâmica, palha de carnaúba, couro, flandres, madeira e ouro. O catálogo da Exposição apresenta na capa uma xilogravura de Abraão Batista e traz um texto apresentando a relação entre a romaria ao Padre Cícero, o desenvolvimento do comércio e o surgimento de uma tradição artesanal na cidade que possibilitou o fazer artístico.

Na Exposição realizada na SAP destacam-se os trabalhos dos escultores em madeira João Cosmo Félix (Nino) e Manoel Graciano que possuem uma trajetória semelhante como agricultores que começaram a fabricar artesanalmente instrumentos de trabalho, cabos de espingarda, apitos para a caça de pássaros, brinquedos para crianças. O trabalho desses dois artistas migrou do utilitário para a produção de objetos estéticos. As peças desses artistas eram até então desconhecidas nacionalmente; suas esculturas “falam” do universo cultural em que os artistas viveram: são imagens coloridas, esculpidas na madeira e representam figuras humanas, animais, bandas de pífano de personagens do Reisado.



Figura 5: Figuras do reisado esculpidas em madeira por Manoel Graciano.
<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/mestre-manoel-graciano.html>

Além da exposição “*Artistas de Juazeiro do Norte*”, o projeto de apoio ao artesanato na cidade de Juazeiro do Norte e culminou na criação Centro de Cultura Popular Mestre Noza (MELO 2013). O endereço escolhido para abrigar a associação e o centro cultural foi a antiga cadeia pública de Juazeiro do Norte, localizada no centro da cidade. O espaço tinha como finalidade ser um centro de comercialização da produção local e de valorização do trabalho dos ceramistas, escultores, xilógrafos, cordelistas e artesãos. A idéia era fortalecer o cooperativismo e a experiência da COCADA foi fundamental para a o amadurecimento do trabalho coletivo. Em 1983 foi criada a Associação de Artesãos do Padre Cícero, com o objetivo de garantir melhores condições de vida para os artesãos e artistas da região do Cariri.



Figura 6: Máscara em argila de Cícera Fonseca da Silva, “Ciça”, 25x22 cm.
(Disponível em: <http://www.obrasilcoms.com.br/2013/10/artesanato-cariri/>. Acesso em 25.ago.2016)

Foi no Centro de Cultura Popular Mestre Noza que os objetos e pessoas até então desvalorizados e desconhecidos puderam ser conhecidos dos moradores da cidade, de proprietários de galerias e de museus de arte de todo o mundo, uma vez que

as peças produzidas pelos artistas da Associação de Artesão do Padre Cícero são exportadas para diversos países. Neste sentido, uma segunda geração de artistas assumiu a tarefa de continuar a tradição do artesanato e das artes no Juazeiro do Norte e na região do Cariri cearense. O trabalho de Cica (Cícera Fonseca da Silva), Cíça do Barro Cru, Zé Ferreira (José Ferreira da Silva), Maria Cândido Monteiro, José Celestino, Nino (João Cosmo Félix), Manoel Graciano, Abraão Batista, Mestre Chico, dentre tantos outros, se tornaram conhecidos e suas obras passaram a fazer parte do acervo de galerias e museus. Objetos artísticos produzidos pelos artistas da Associação de Artesãos do Padre Cícero podem ser encontrados nos seguintes locais: museus, como o Museu de Folclore Edson Carneiro (Rio de Janeiro), o Museu Casa do Pontal (Rio de Janeiro), Museu Afro Brasil (São Paulo), Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC (Fortaleza); galerias como a Galeria Pé-de-Boi (Rio de Janeiro), Galeria Brasileira (São Paulo); além de importantes acervos particulares como a coleção do deputado Jarbas Vasconcelos.

O sucesso internacional do trabalho de alguns escultores em madeira de Juazeiro do Norte, especialmente de Manoel Graciano e João Cosmo Félix (Nino) acabaram por inspirar os mais jovens a continuar essa tradição que já vinha sendo desenvolvida em Juazeiro do Norte desde o surgimento das romarias, com os trabalhos de Mestre Noza (escultura e xilogravura) e Manoel Santeiro (escultura em madeira). Neste grupo de escultores é necessário destacar o trabalho de Mestre Chico, que foi fundamental para a formação artística de Cícero Simplício:

O trabalho de Mestre Chico, que nasceu no município de Aurora, cerca de 140 quilômetros de Juazeiro do Norte exerceu forte influência sobre outros escultores de uma geração que começou a produzir artefatos em que cada vez mais sobressai a criatividade e uma interpretação pessoal do mundo. Ao final da década de sessenta alguns destes jovens começaram a produzir peças em Aurora e participar de exposições em Juazeiro do Norte e no Crato. Deste grupo fazem parte os escultores Geraldo Simplício (que reside atualmente em Nova Friburgo e se tornou conhecido como Nêgo), Cícero Simplício, Mestre Janjão, Antônio (Índio) e Cizim (MELO, 2013, p. 60).

O objetivo deste trabalho não é realizar uma discussão detalhada acerca da origem e desenvolvimento da arte popular brasileira. Contudo, esta breve abordagem inicial sobre esse fenômeno foi necessária para relacionar a história de vida de Cícero

Simplício com questões mais amplas, de natureza histórica e antropológica que estão presentes no trabalho deste artista, relacionando com os conceitos para compreender este processo de produção cultural.

Portanto, em torno dos conceitos de arte, artesanato e arte popular estão envolvidos conhecimentos, tradições, modos de fazer, rituais e crenças, o desenvolvimento e o acesso às modernas tecnologias, conjuntos de saberes, modos e costumes presentes em uma sociedade. Categorias como essas formam um conjunto de signos e símbolos das relações sociais e a produção material ou imaterial de uma coletividade específica, ou até mesmo de toda a humanidade.

CAPÍTULO II: A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE CÍCERO SIMPLÍCIO

2.1.O artista e seu universo cultural

Cícero Simplício nasceu na cidade de Aurora em 1956, sua vida até a adolescência sempre foi na cidade. Porém, quando se destacou no mundo da arte popular passou a conviver entre Aurora e Juazeiro do Norte. Filho de pai e mãe agricultores não quis, juntamente com seu irmão, seguir o mesmo caminho de seus pais e dedicaram-se com afinco a produção de esculturas em madeira hoje, já com sessenta anos de idade, vive dessa arte. Desfruta de uma boa saúde e produz de maneira intensa em seu trabalho.

Cícero Simplício - Cizim - é um dos artistas mais conhecidos no Cariri cearense por sua produção de esculturas em madeira. Durante algum tempo Cizim esteve ligado constantemente à produção artística da cidade de Juazeiro do Norte, mas atualmente voltou para Aurora onde reside com a família. A arte de Cizim tem sido vendida em galerias de arte de diversos locais no Brasil.

O fazer artístico é uma atividade cultural na medida em que é construída, transmitida e modificada coletivamente ao longo do tempo, perpetua modos de vida, saberes e fazeres de uma determinada sociedade. É também uma atividade social, dadas às relações sociais e familiares configuradas em torno da atividade. A arte é ainda uma atividade econômica produtiva, capaz de gerar ocupação e renda, sendo por isso comumente convocada a assumir um papel central em projetos de desenvolvimento local e redução das desigualdades sociais. Neste sentido, entende-se a arte em madeira como uma atividade portadora de elementos culturais que significam trabalho e renda para muitas famílias, adquirindo assim uma função socioeconômica que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos artesãos.

O artista Cícero Simplício (Cizim) é um dos membros da Associação de Artesãos do Padre Cícero que funciona no Centro de Cultura Popular Mestre Noza onde suas peças são expostas e comercializadas. A Associação de Artesãos do Padre Cícero atua como uma espécie de intermediária, de atravessadora, entre os artistas e os compradores. Sendo assim, a Associação de Artesãos Padre Cícero tem como objetivo

estimular e preservar a produção cultural local, além de facilitar a comercialização das peças feitas por seus integrantes. Reunidos em uma associação, os artesãos podem gerenciar com maior organização aspectos como a aquisição de matéria prima e a venda de suas produções. O Centro Cultural Mestre Noza se tornou ponto de referência para as pessoas que procuram Cizim, porque é um lugar onde os artistas passam a maior parte do tempo esculpindo, conversando e vendendo suas obras.

Segundo Marcelo Cavalcante, a “imagem Cizim é a de um homem que como qualquer um dos artesãos ali presentes no Centro Cultural Mestre Noza ou na cidade do interior, gosta de tomar cachaça, de brincar com os outros e de lucrar o máximo possível em sua produção” (CAVALCANTI, 2011, p. 20). No entanto, a partir das entrevistas que realizamos com Cícero Simplício percebemos na postura do artista que ele não se classifica como boêmio, ele se define como um trabalhador que luta por dias melhores, pelo sustento da família e por reconhecimento. Cizim viveu toda sua vida e vive até o momento exclusivamente de sua arte.

Em todos os depoimentos que concedeu o artista Cícero Simplício parece não estar preocupado em definir seu trabalho a partir dos conceitos tradicionais de artesanato e arte popular. Ele se considera um trabalhador.

Para aqueles que têm na atividade artesanal seu sustento principal, definir com palavras aquilo que fazem deve ser provavelmente uma de suas últimas preocupações. A necessidade de definir, conceituar e estabelecer diferenças entre artesanato, arte popular, trabalhos manuais e outras manifestações humanas é muito mais uma preocupação de críticos, acadêmicos e técnicos que necessitam compreender melhor uma prática da qual estão distantes (BARROSO, 2006, p. 02).



Figura 7: Cícero Simplício esculpindo uma imagem de Cristo, um de seus temas prediletos. Fotografia: Fabiana Sales Ribeiro.

O artista busca na lembrança sua trajetória como artista, pois o mesmo começou a trabalhar com arte ainda criança com dez anos, mas foi na adolescência, aos dezesseis anos que obteve sucesso. No início de sua juventude também trabalhou na cidade de Aurora como açougueiro (marchante) para adquirir algum dinheiro, só que foi como artista que teve grande destaque para sobreviver desta arte até hoje. Cizim afirma que sua carreira artística teve início por influência de seu irmão Geraldo Simplício (que se tornou conhecido como Nêgo).

[...] Comecei a trabalhar, sabe, com dez anos. Tenho um irmão que é um artista muito famoso que mora no Rio hoje, ele mora no Rio, mas na época era sapateiro, aí ele desenhava muito bem e desenhava escultura de madeira pequena aí eu fui me interessando aí hoje ele é conhecido mundial e eu sou conhecido internacional. [...] (Cícero Simplício, 25.06. 2015).

Cizim aprendeu o ofício da escultura quando começou a esculpir pequenas peças para vender na cidade de Aurora mesmo; naquele período Geraldo Simplício também se iniciou na escultura em madeira e conciliava o trabalho como escultor com o trabalho como sapateiro. Geraldo Simplício (Nêgo) também não frequentou a escola, mas aprendeu a arte partir da observação dos outros escultores. Atualmente Nêgo reside em Nova Friburgo deixou de ser escultor em madeira e passou a ser paisagista no seu

próprio jardim onde hoje funciona como museu a céu aberto, onde recebe vários turistas.



Figura 8: Nêgo Simpício na sua residência em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Disponível, em: <http://paradisexpress.blogspot.com.br/2013/05/negos-garden-jardim-do-nego.html>. Acessado em 17. fev.2016.

A arte popular produzida no Brasil passou a ter um maior reconhecimento no momento em que o Instituto Nacional de Folclore começou a dar outro tratamento a esta produção, questionando a perspectiva folclórica e introduzindo um olhar antropológico ao tema. Este trabalho pode ser percebido, por exemplo, a partir da valorização da autoria do artista, da identificação dos autores das obras, questionando a perspectiva de que se tratava de uma arte anônima e coletiva. Assim, as características particulares dos artistas, bem como dos lugares de produção, passaram a ser percebidas e valorizadas. Foi quando o trabalho de Cizim se tornou nacionalmente conhecido, ao ter suas peças expostas na Sala do Artista Popular no Rio de Janeiro. Como afirma Patrícia Reinheimer,

Na década de 1960, a questão da autoria coletiva ou anônima passou a ser problematizada sob a nova perspectiva norteadora dos estudos sobre o folclore. Visto pelo viés artístico, a idéia renascentista de *gênio autoral* contribuía para a constituição de uma nova abordagem, na qual integrantes das camadas menos privilegiadas, com suas

características individuais e pensamento original, poderiam ser vistos como autores. Durante essa década e a próxima, ganhou força a concepção de povo autor e instituições consagradas da arte erudita promoveram exposições de arte popular (REINHEIMER, 2007, p. 38).

O trabalho de Cizim tem uma nítida inspiração na escultura religiosa de Juazeiro do Norte. Porém o artista partiu desta vivência cultural com o catolicismo popular para introduzir a crítica social e a expressão de seu cotidiano, do seu lugar social. O escultor mostra na sua peculiaridade o seu universo cultural, os elementos da vida no Cariri cearense e parte de seu cotidiano para atingir um olhar filosófico e religioso sobre a própria vida e sobre seu próprio mundo. Considera-se que a arte enquanto processo criativo possui um forte componente de identidade. Tal componente está enraizado na cultura local em que é produzido e cujo produto é dotado de valor simbólico, estético e utilitário. Ancorando-se nas perspectivas teóricas de alguns autores com os quais este trabalho dialoga (CANCLINI, 2000), compartilham-se aqui também alguns pressupostos teóricos da economia criativa desse artesão. Neste contexto, a arte é considerada como atividade criativa capaz de viabilizar e integrar novas dinâmicas culturais, econômicas e sociais, mobilizando artistas e organizações diversas em um dado território no interior do Ceará. Neste sentido, Cícero Simplício fez algumas considerações sobre sua trajetória e conceitua o seu trabalho.

É... Nem todo o artista chegou ao ponto que eu cheguei, porque eu não to aqui com uma *Hillux* zerada?

Porque eu gastei à toa, antes do tempo, mas dinheiro eu ganhei demais, um analfabeto chegar a ganhar a mais de vinte mil Reais por mês é um exagero, quem ganha esse dinheiro é Juiz, um Promotor e não um analfabeto como eu.

Mas ganhei. Eu não soube foi investir. Foi farra, foi comprar carro, foi andar trocando violão...

Eu toco violão pra caramba, nos tudim toca. É tipo da coisa: o cara só e artista se ele se dedicar a arte, eu sou conhecido demais.

Eu amo a minha arte. O cara fica famoso num é por que quer não é o seu trabalho, num é porque o cara quer. Conheço muitos que tá com a cabeça branca como minha barba branca que nunca fez sucesso. Às vezes não gosta do estilo do cara, o cara quer ser, mas não é, mas num é. Faz uma situação, mas se não tiver cuidado ele se lasca todinho. Meu trabalho é rústico. Querer inventar pra ser bacana num dá não. Tem que ser o cara mesmo, né não?

A criatividade de Cizim em dotar a madeira em forma de trabalho artístico faz emergir uma arte que tem profundos vínculos com o lugar onde é produzida.

Tratando-se aqui de identificar o papel dos atores sociais que detêm o conhecimento das técnicas e matérias-primas utilizadas nessa produção vinculada ao domínio do cristianismo e que inclui santos, anjos, oratórios, entalhes, figuras regionais e até ex-votos. A arte em madeira é, portanto, um bem de inestimável valor cultural para conhecer a construção da identidade de uma sociedade. Ao mesmo tempo, além do valor estético da obra, o que o artista almeja é o reconhecimento público de seu trabalho, o que muitas vezes vai além da remuneração, do dinheiro pago pela obra, como é possível perceber no depoimento do artista.

É o tipo da coisa. É... Mim sinto o seguinte não querendo me exibir, mas quando chega uma pessoa de São Paulo, da Alemanha, de outros países, quem vem como turista conhecer o Brasil e quando chega ao Rio, a São Paulo quer ver o meu trabalho no museu que existe!

Lá tanto em Fortaleza, como em São Paulo.

Aí ele procura me localizar, o Cizim que sou eu. Aí chega em Juazeiro do Norte. Digamos vai no Centro Cultural e diz: - eu queria conhecer o artista conhecido como Cizim...

Mas dentro do Centro Cultural eu tenho digo que, sem exagero, tem uns trinta caras trabalhando lá, ao vivo. Tem cara lá bom que faz escultura lindas...

Mas o que acontece? Eles pegam uma caneta aí risca a madeira todinha, aí vai cavar a madeira todinha em cima do risco, se ele sair de cima do risco ele se atrapalha!

No meu caso não. Eu pego uma madeira normalmente toda original, eu trabalho só com olho nu, só a mente que vai, não tem risco, o risco é a minha mente!

Então eu sou conhecido como um cara bom.

Eu não vou atrás de arranjo.

(...) sinceramente, aí vem uns cara de fora, um japonês, uns alemães vem me entrevistar aqui, é porque eles gostam de arte, eles num querem negocio de arranjos não!

Porque o cara que faz risco num é artista não, porque se ele sair do risco ele se perde. Que artista é esse?

(...) se faz mil São Francisco é tudo com um rosto só! Eu num acerto, porque eles só sabem fazer aquilo.

Eu faço uma banda cabaçal, eu faço um cara moreno tocando pife, eu faço um cara moreno tocando pandeiro, tudo diferente. Porque num é nem parente é outra arte (SIMPLÍCIO, 2016).

Cícero Simplício está inserido no mundo da arte popular no Cariri como escultor em madeira. No entanto, muito se fala que esta arte, o artesanato e os ex-votos, fazem parte de uma mesma linhagem embora o artista não admita. Os ex-votos, por exemplo, contribuem para a arte em madeira e não diz respeito apenas a aspectos relevantes da história, como a museologia, comunicação, e sociologia da arte. E, por ser

também uma arte fabricada, com o intuito de alcançar algo que está além do material, é também uma arte popular vinculada ao artesanato - características que perduram em qualquer parte do mundo no tocante à religiosidade, à crença. Sendo assim, não é tão comum a separação entre arte popular e artesanato, embora estejam todos numa única classificação com elementos diferenciados e destacados de maneira diferente. Esta prática de depositar os ex-votos, depois de conseguir vencer os males ou as dificuldades, acontecia nos momentos de instabilidade, desespero, dor, inoperância das soluções humanas. Daí se recorria ao Sagrado e se realizava a promessa.



Figura 9: Cícero Simplicio esculpindo uma imagem na sua residência em Aurora. Fotografia: Fabaiana Sales

Na fotografia acima, Cizim está produzindo uma escultura em madeira ao ar livre em frente à porta de sua residência na cidade de Aurora. Esta escultura em particular foi uma encomenda de um deputado federal, realizada por intermédio do Centro Cultural Mestre Noza, onde sua produção é comercializada. Muitas vezes o escultor não sabe nem para onde e nem para quem foi a escultura encomendada. Muitas peças são adquiridas por colecionadores particulares e nunca mais o escultor tem acesso. Além do artista não ter mais acesso ao próprio trabalho, há uma diferença entre o valor pago pelo comprador a Associação de Artesãos do Padre Cícero e o valor em

dinheiro que efetivamente o artista recebe, ou seja, uma parte dos lucros do artista fica em poder da Associação. Além da Associação de Artesãos do Padre Cícero também é importante destacar a atuação de galeristas que também adquirem as peças por um valor e comercializam por um valor bem maior e que, portanto, ficam com uma parte dos lucros que seriam do artista, caso pudesse negociar diretamente seu trabalho.

É neste momento que fica evidente os problemas que ainda pairam no cotidiano do artista popular, mesmo considerando a atuação da Associação de Artesãos do Padre Cícero na região do Cariri há mais de três décadas. A principal questão, portanto, é a autonomia do artista popular que não reúne as condições – materiais e simbólicas – que garantam a autonomia sobre seu trabalho, sobre sua renda, sobre seu sustento. Apesar de todos os incentivos e políticas públicas realizadas nas últimas décadas no Brasil, muitos artistas populares ainda vivem em condições precárias e em condição de desigualdade perante aqueles que alcançam sucesso no mercado de bens culturais ou na mídia. Portanto, apesar do trabalho desses artistas está relacionado com questões estéticas, as relações desses trabalhadores com o mercado e com o Estado envolvem questões de ordem política que ainda não foram resolvidas no Brasil.

Da cidade de Aurora, Cizim nunca obteve incentivo da Prefeitura Municipal ou qualquer outra instituição pública. A única ocasião em que foi convidado para representar os artistas e artesãos do Estado do Ceará numa solenidade na Noruega, mais não foi por medo de voar.

[...] Não, não da prefeitura eu só recebi um convite, pra mim ir para Noruega pra mim representar o Nordeste, de todos os escultores do Nordeste, o Estado do Ceará, eu fui um dos escolhidos para participar de uma excursão pra representar o seu Estado eu fui um dos escolhido.

Aí eu não fui porque eu tenho medo de voar é recebi o convite, foi Carlos Macedo:

- Cícero eu vim aqui pra você ir...

- Doutor vou não...

Ele veio pra tirar o passaporte, CPF, num sei o quê pra andar de avião! Vou nada andar num bicho das asas desse tamanho, ele vai me engolir! Vou não [...] (Depoimento Cizim, 25.06. 2015).

O corpo e a fisionomia de Cizim trazem as marcas de seus medos, de seu trabalho pesado com a madeira, de sua vida de dificuldades e sua memória muitas vezes também revela esse desgaste. O artista relata que já ganhou muito dinheiro com sua arte,

mas não soube se relacionar com o sucesso momentâneo, o dinheiro fácil. Hoje sua vida é marcada por dificuldades, vivendo com a família num imóvel alugado e muitas vezes sem dinheiro para suprir as necessidades básicas, mínimas.

(...) porque quando termina uma peça dessa eu já tô precisando pra comprar um pão pro menino, um arroz. Eu sou realista e é por isso que sou artista, e eu sou artista desse jeito.
É chegou uma francesa aqui: - Seu Cizim...
E eu falei: - num tem nem arroz pro almoço!
É verdade!
Tem um artista bom, mas a cidade não ajuda.
Graças a Deus sou pai de quatorze filhos.
Tá tudo criado só com essa arte aqui (...) (Depoimento Cizim, 25.06.2015).

Por outro lado, a vida de Cizim não é diferente de muitos artistas no Brasil que enfrentam um cotidiano de dificuldades e de resistência cultural. Neste sentido, muitas questões que envolvem os problemas da arte popular no Brasil ainda persistem e apontam para conflitos e tensões sociais e que não dizem respeito apenas à biografia pessoal de um artista, mas ao conjunto de pessoas que escolheram este ofício.

Cícero Simplício faz parte de gerações de artistas brasileiros cuja obra remete a traços distintos das diferentes culturas envolvidas na nossa formação histórica. São visões de mundo diferentes que participaram na construção de uma nova cultura, de novos signos e identidades. Esse processo deu origem a uma identidade própria de um povo com diferentes culturas locais, formando sempre novas e variadas identidades. O fenômeno da globalização tem aprofundado o hibridismo cultural e a massificação das culturas, dotadas de misturas, de variadas cores e de estilos, formando novas identidades no mundo moderno e pós-moderno, marcando, quem sabe, o fim das chamadas “culturas tradicionais”. O processo de “hibridização” coloca no mesmo plano as diversas manifestações da cultura contemporânea rompendo as fronteiras estabelecidas pela lógica da modernidade, onde o culto deveria estar nos museus e o popular nas praças e feiras. O tradicional e o moderno, portanto, já não sofrem uma oposição tão evidente, pelo contrário, convivem em um mesmo cenário social. Neste sentido, surgem novas formas de identidade cultural, que já não podem mais ser consideradas como autênticas, nem ligadas apenas a um território. Nesse contexto, Cícero Simplício é um artista que está diretamente ligado a esse universo de problemas e tensões do tempo presente.

CAPÍTULO III: IMAGENS DE CIZIM: AS ESCULTURAS COMO REPRESENTAÇÕES DE SEU MUNDO

O modo de vida social se constitui a partir de sua cultura, e a arte é um dos principais veículos de difusão de cultura de um povo. Muito do que se sabe hoje sobre as sociedades do passado só chegaram ao conhecimento das gerações contemporâneas através das mais variadas formas de arte desse povo, que seja através de objetos cerâmicos, tecidos, pinturas, danças, dentre inúmeras outras manifestações artísticas. A arte é uma das principais ligações do homem com o meio ambiente em que vive sua relação desperta um sentimento de respeito pelo local onde constrói o seu território e é desse lugar que o artista busca elementos para sua criação.

Por este motivo é possível afirmar que a arte está associada ao conjunto de crenças, valores e referências simbólicas de uma sociedade e de um tempo histórico. Por este motivo, as esculturas de Cícero Simplício não são meros objetos produzidos para o deleite pessoal do artista, mas são mensagens acerca do universo cultural e social em que estão inseridas e dizem respeito, também, a historicidade.

As considerações que abrem este capítulo dizem respeito à necessidade de olhar com mais cuidado para as esculturas produzidas por Cizim ao longo de quase cinquenta anos de atividade artística. No entanto, foi muito difícil fazer este trabalho porque não existe um acervo em que as peças de Cizim possam ser encontradas. Mesmo na cidade de Aurora, terra natal do escultor e onde ele reside atualmente, poucas esculturas existem. Algumas peças estão na cidade do Rio de Janeiro (Museu Casa do Pontal e Museu Edson Carneiro) e em São Paulo (Museu Afro Brasil), mas as condições da pesquisa não permitiram visitar estes acervos pessoalmente.

Por isso foi necessário recorrer às imagens de esculturas que se encontram nos seguintes locais: em sites, blogs e livros dedicados à arte popular brasileira, esculturas à venda no Centro de Cultura Popular Mestre Noza, Hotel Verdes Vales (Juazeiro do Norte), além do acervo particular da Professora Rosilene Alves de Melo.

O objetivo deste Capítulo é mostrar algumas das obras de Cizim a fim de problematizar as temáticas escolhidas pelo artista e perceber como o escultor apresenta

seu universo cultural e, ao mesmo tempo, refletir sobre o papel da escultura popular na sociedade.

O trabalho de Cizim, apesar da marca individual de seus traços, está inserido numa tradição artística coletiva, que vem de antepassados e faz parte de uma coletividade. Tudo o que Cizim aprendeu foi no contato com outros artistas. Cizim não tem formação escolar, não sabe ler ou escrever e não tem uma vivência em galerias, museus de outros lugares. As cidades de Aurora e Juazeiro do Norte são os espaços onde transita e a sua formação artística se deu a partir da observação do trabalho de outros escultores. Porém, essa convivência com outros artistas possibilitou um grande aprendizado a Cizim: o conhecimento de como cortar a madeira, o entalhe, o uso dos instrumentos, a noção de proporção, as temáticas das peças. Aprendeu também a esculpir com cimento e com areia, o que exige técnicas e materiais diferentes. Tudo isto foi o resultado de uma tradição que chegou até ele.

No entanto, o artista não imita ninguém e define seu trabalho como um “dom”: “essa arte ninguém ensina a ninguém não. É um dom e também a pessoa ter força de vontade. (...) Pois é menino... Aí eu tive força de vontade. Hoje eu sou conhecido, mas toda vida com simplicidade com humildade meu jeito e esse.” (CIMPLÍCIO, 2015).

No caso de uma encomenda, faz conforme o pedido, mas o estilo é o seu. Sua produção ou representa o que ele imagina, ou não produz seu trabalho. Para tanto diz fazer uso apenas da imaginação, das mãos, dos instrumentos de trabalho e da madeira. O trabalho de esculpir uma imagem é difícil, pois exige um grande esforço físico do artista. Os troncos de umburana são grandes, apesar da umburana ser uma madeira bem mais leve que as demais existentes na região.

O caminho das esculturas não se esgota somente como obra de arte. Esculturas são feitas como ex-votos, como vodus, como objetos decorativos, como utilitários que, às vezes, viram obras de arte e outras tantas coisas. São utilizadas como fonte de prazer, devoção, fruição, catarse, provocação, comemoração, protesto, para homenagear pessoas, lugares ou acontecimentos. Por isso as esculturas carregam marcas do tempo em que foram produzidas, da cultura e da sociedade em que foi produzida.

O artista leva na bagagem vários nomes, os mais variados possíveis do qual,

destaca “fazedor de imagem”, “imaginário”, “milagreiro”, “santeiro”, “escultor”, “artesão”, “artista”, “mestre”. Estas são as categorias que os escultores empregam para se identificar em diversas situações e em temporalidades distintas (MELO, 2013).

O processo de criação de Cizim é tão somente baseado na intuição, naquilo que observa em torno de si, do seu universo sócio-cultural, da sua memória. Cizim não faz maquetes, esboços. Todas as suas peças são criadas sem um planejamento prévio, embora as formas sejam muito delicadas e complexas.

Neste sentido optamos por reunir as obras do artista em duas séries: as esculturas religiosas e as imagens que se referem às representações da sua realidade social.

3.1. O Cristo dos brasileiros



Figura 10: Escultura em madeira. Cícero Simplício.

Esta primeira escultura está reproduzida no livro de João Evangelista (ANDRADE FILHO, 1994) e mostra uma escultura de Cristo bastante diferente daquelas que estão nos altares das igrejas. Apesar de ser representado como um homem magro e de barba longa, como nas imagens sacras que se difundiram no mundo cristão, o Cristo de Cizim surpreende ao olhar. Na imagem Cristo está esculpido em forma de uma escada, onde as pessoas estão aos pés tentando subir. Algumas pessoas conseguem chegar mais perto e chegam até a suas mãos. Dentro do peito, a imagem mostra o rosto de um homem e de uma mulher.

A segunda imagem está exposta no sítio do paisagista Roberto Burle Marx, localizado em Barra de Guaratiba. Burle Marx se dizia um admirador da obra do artista cearense. Esta escultura foi feita com a madeira de um navio que afundou no Rio de Janeiro. A imagem foi na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente - Eco 92. Intitulada *Cristo dos Náufragos*, a escultura de Cizim aprofunda e radicaliza a humanização de Cristo e a representação daquele que acolhe o sofrimento do povo. Na imagem uma série de pessoas se junta, tentando se aproximar da face de Cristo como uma tábua de salvação. A escultura já sugere uma politização do trabalho de Cizim e uma demonstração de que o artista popular brasileiro – ao contrário do que dizia os folcloristas – não é ingênuo e não está alheio aos problemas e ao sofrimento do povo.



Figura 11: *Cristo dos Náufragos*. Escultura em madeira de Cícero Simplicio. S.d. Disponível em <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2014/07/cizin.html>. Acessado em 08.07.2015



Figura 12: *Cristo dos Náufragos*. Escultura em madeira de Cícero Simplício.
Fonte: <http://darianoarquitetura.blogspot.com.br/2012/01/sitio-roberto-burle-marx-o-jardim-e.html>. Acesso em 15. Ago. 2016.

Após Cícero Simplício ter se destacado com sua arte, passou a frequentar algumas capitais como Recife e Rio de Janeiro, onde suas obras passaram a ser vendidas para colecionadores e para os museus de artes populares. Na cidade de Aurora, durante a Semana Santa, Cizim esculpiu um Cristo nas areias do bairro Araçá para recordar os irmãos Simplício que até então essa tradição estava em recesso desde 1989. O irmão de Cizim, Nêgo Simplício ficou muito feliz ao reviver essa tradição e ao mesmo tempo recordou-se de uma escultura que tinha feito há cinquenta anos, enquanto seu irmão Cizim ainda era criança e não sabia o que era arte. O evento contou com a participação da população do bairro Araçá, sendo que esse bairro é o mais populoso da cidade.

Na ocasião dessa obra Cizim quis fazer uma analogia com a imagem do Cristo do Rio de Janeiro para fazer uma denúncia crítica da violência que estava envolvendo a cidade do Rio de Janeiro e o próprio Brasil. O escultor estava revoltado

com um fato que havia ocorrido no Rio de Janeiro em 2011, mais precisamente numa escola em Realengo, onde varias crianças foram assassinadas por um atirador que em seguida cometeu suicídio, fato que não teve nenhum motivo aparente, só a violência gratuita. A escultura de Cizim foi uma homenagem às vítimas, um alerta e uma denúncia.



Figura 13: Disponível em: http://seculteaurora.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html
Escultura em areia. Autor: Cícero Simplício.

A arte em madeira destacou Cícero Simplício dentro de um contingente populacional, escondidos na periferia da pequena cidade de Aurora num lugar longínquo deste extenso país, encontram-se assim os excluídos culturais, os focos de resistência cultural, que guardam suas tradições da maneira como podem, independente de suas condições sociais. Este trabalho visa evidenciar a importância dessas pessoas que fazem da cultura popular seus modos de vida, suas alegrias de viver e de pertencer a este país diverso, visualmente lindo, fisicamente enorme, culturalmente rico e estruturalmente desigual.

3.1. A vida social e o cotidiano a partir do olhar de Cizim

Através das esculturas, é possível mergulhar um pouco no universo pessoal de Cizim e, ao mesmo tempo, perceber sua visão de mundo e as representações que aparecem em seus trabalhos.

Apesar da figura de Cristo ser marcante em toda a sua obra, bem como de esculturas de santos da Igreja Católica, Cícero Simplício não produz apenas figuras sacras. Seu trabalho mostra que o artista também observa seu mundo em volta e traduz essa observação em esculturas que acabam mostrando como ele vê a realidade de Aurora e de sua região.

A série de fotografias recuperadas em sites, bloggs e páginas da internet mostram um Cizim comprometido, engajado, que reflete sobre o seu cotidiano e sobre alegrias, tristezas, trabalho e lutas sociais. O artista elucida parte dessa história sertaneja na arte em madeira ao dar destaque ao povo nordestino - seus flagelos, sua religiosidade. Isso se expressa claramente quando encontramos em sua produção artística peças em madeira que fazem alusão à lavadeira, ao retirante, ao agricultor, ao cangaceiro.



Figura 14: *Trabalhador rural*. Escultura em madeira. Cícero Simplício. <http://galeriabrasiliana.com.br/galeria/acervo/madeira/cizin/>. Acesso em 10. Set. 2016



Figura 15: *Mulher com menino*. Escultura em madeira. Cícero Simplício. <http://galeriabrasiliana.com.br/galeria/acervo/madeira/cizin/>. Acesso em 10. Set. 2016.

Cizim busca na realidade vivenciada seus assuntos, sua arte, podendo às vezes fragmentar doses de humor e crítica social às suas representações, como ilustram pequenas esculturas da Banda Cabacal, uma homenagem às bandas de pífanos que ainda existem em muitas localidades do Nordeste, da qual se orgulha muito interpretando e esculpindo.



**Figura 15: Banda de Pífano. Escultura em madeira. Cícero Simplício.
Fotografia: José Cícero**

O artista quando se propoe destacar em sua arte uma lavadeira, um retirante, um agricultor e ate mesmo o cangaceiro ele estar avaliando o que o Nordeste passou e passa diante dessa mazelas, hoje em dia ainda isso é muito visto nas pequenas cidades cada pessoa se virando como pode e acreditando sempre na possibilidade de um dia melhor. O artesão fala de sua arte como se ela estivesse viva, pois para ele, a arte tem que ter alegria, vida, manifestar aos olhos do publico a esperança de um mundo melhor

Nas imagens abaixo é possível visualizar duas esculturas de Cizim. A primeira é uma escultura intitulada “Antônio Conselheiro”, um líder religioso e político dos sertanejos pobres e uma referência de resistência e lutas pela igualdade social no Brasil. A segunda imagem é de um repentista, figura bastante popular em Aurora, onde existem muitos violeiros ainda em atividade, programas de rádio com cantorias e apresentações

na feira da cidade aos sábados. O cantador repentista também é considerado uma expressão da cultura popular e está presente na cultura sertaneja.



Figura 16: Antônio Conselheiro.
Escultura em madeira. Cícero Simplício.



Figura 16: Repentista. Escultura em madeira. Cícero Simplício

Portanto, a obra de Cizim é uma reflexão sobre a história e a cultura brasileira. Isto quer dizer, também, que a arte considerada popular, o artista considerado popular e o artesão são conceitos que foram criados para tentar explicar essa arte que é feita com os elementos da vida social. Estas esculturas são mensagens que falam da sociedade e do tempo em que estão inseridas.

Ao contrário do que muitos julgam, não são formas simples ou ingênuas. Elas trazem reflexões sobre o mundo do artista.

Infelizmente Cícero Simplício ainda não teve seu trabalho artístico devidamente reconhecido. O artista vive uma vida de sacrifícios e tem dificuldades de se manter. Nem por isso ele desistiu de continuar a fazer arte.

Sua trajetória é, então, uma trajetória de resistência.

A intenção desta Pesquisa foi contribuir para mostrar a importância do trabalho de Cícero Simplício e também trazer uma reflexão sobre os preconceitos existentes ainda sobre a arte chamada “popular”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte está presente nas mais diversas correntes culturais do país, não só nas pequenas cidades do interior ou nas favelas situadas nas grandes metrópoles. A representação cultural (de um povo, de um lugar) está inserida nos grandes centros consumidores, onde nestes o povo busca um artesanato bem elaborado, bem acabado, que possa dar vida ao um ambiente que está sem brilho. Os consumidores do artista cearense no geral buscam essa beleza e essa luz, e para atender a estes anseios o que não falta são obras de Mestre Cizim espalhadas pelo mundo. Na casa de grandes personalidades e autoridades locais, nos museus e também obras divulgadas em alguns sites como, por exemplo, o Mercado Livre na Internet.

Aonde quer que vá, o Mestre Cizim é detentor de uma popularidade muito grande como artista artesão. Com sua irreverência e visão de mundo, suas características físicas indicam uma trajetória profissional em que viveu e vivenciou os êxitos e as auguras de uma carreira, seja nas cidades de Aurora ou Juazeiro do Norte. Sendo assim, o que percebo diante do artista é que o artesanato se distingue da arte, não por causa de quaisquer efeitos visuais presentes nos objetos, mas pelas peculiaridades inerentes ao processo de concepção da peça. Contudo, a cultura popular é um fenômeno que está presente principalmente na contemporaneidade, tendo em vista a busca pela construção de uma identidade nordestina.

Com base nessa pesquisa, é possível se compreender um pouco sobre a cultura popular brasileira e assim entendermos como as classes subalternas ganharam espaço dentro da cultura de massa, a exemplo do artista Cícero Simplício (Cizim) da cidade de Aurora-CE. Contudo, é compreensível e admite-se que o desenvolvimento da humanidade seja marcado por conflitos entre os diferentes modos de organização da vida social, mesmo que na prática esses estudos apontem muito mais para uma questão de discriminação das elites dominantes em relação ao restante da população. Discriminação essa que passa desde os costumes de falar, de vestir, de se alimentar e, sobretudo, na produção de seus artefatos, sendo que determinadas classes dominantes separam com muita clareza essa produção de outros tipos de manifestações. Essas separações se tornam visíveis principalmente na arte.

O discurso do próprio artista faz parte da fundamentação deste trabalho, bem como sua memória social e algumas fontes aqui apresentadas foram elementares para a elaboração deste trabalho acadêmico. Trata-se da formação de Cícero Simplício enquanto artista artesão em madeira. Ao mesmo tempo é interessante perceber que suas memórias são constituídas de especificações nítidas, uma vez que as percepções de seus encontros e desencontros com outras culturas e outros meios sociais são bem variadas. Todavia, o trabalho desse artista muitas vezes desafia a lógica de tempo e de produção vigentes, o que nos leva a pensar que sua obra enquanto atividade acadêmica, como forma de representar mais uma alternativa de resistência a uma organização social que oprime e explora a maior parte destes que sempre estão à margem das representações culturais.

Sendo assim, a dinâmica cultural em terras cearenses tem vasto panorama de produção nas áreas das artes plásticas, subsistindo muitas vezes a divisão entre arte popular e arte erudita. Valorizar nossa diversidade cultural e dar às pessoas a oportunidade de apreciar, participar e conhecer de perto nossos artistas e as manifestações culturais que representam é um intuito presente nesta abordagem. A trajetória de vida e o trabalho do artista popular são consagrados pelas dificuldades e falta de reconhecimento, mas o importante é continuar criando e levando adiante a sua arte e sua produção, passando para as novas gerações seus ensinamentos e dessa forma tornar-se um signo social local, além de fazer aquilo que gosta enquanto atividade trabalhista.

A arte em escultura de madeira também passa por dificuldades, e tanto Cizim com os demais artistas escultores continuam firmes conduzindo o Espaço Cultural Mestre Noza. A organização cultural vive momentos de altos e baixos na produção de seus artefatos. O espaço enquanto centro ponto de referência cultural, mantém todos os artistas inseridos na sua produção. Para isso seria fundamental que houvessem mais projetos de incentivo a divulgação da cultura popular de forma permanente, e onde esses artistas tivessem a oportunidade de mostrar seu trabalho nos eventos que acontecem principalmente em nosso estado e nos demais estados. Na maioria das vezes esses artistas escultores vivem no anonimato e morrem sem ter a oportunidade de deixar seu legado nos seus trabalhos e obter reconhecimento de sua arte.

Doravante, a grande responsabilidade é nossa de defender a cultura popular brasileira e fazê-la participar adequadamente do processo de desenvolvimento e inclusão social. Através da possibilidade econômica gerada pelos bens culturais na geração de empregos e serviços, pela comercialização de seus produtos, como as peças de artesanato e a arte em madeira. Nossa cultura popular está enraizada na alma de um povo que tem um passado histórico, somos uma fonte perene de criatividade, mas temos que nos aprimorarmos enquanto população. Com isso as áreas federal, estadual ou municipal, os governos em todas as suas esferas, terão uma maior e específica responsabilidade. Mas, a tarefa de priorizar e defender a cultura cearense são de dever de todos, seja individualmente ou através de entidades culturais.

Conseqüentemente, os mestres da cultura são os guardiões da tradição, são eles que trazem novas idéias, desenvolvendo muitas vezes um conhecimento acumulado e que foi compartilhado com outros artistas do mesmo segmento. Ele não só preserva como também passa novos conceitos. Dessa forma, o saber coletivo contido nele repassa ativamente suas tradições culturais. Para tal, o mestre tanto é aquele que sabe fazer esculturas em madeira, argila, fazer artesanato, ex-votos e até mesmo cantar seus repentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003. p. 83-102.

AGUIERRE. Rojas Carlos Antônio. **Micro-historia italiana: modos de uso**/Carlos Antonio Aguierre Rojas; tradução Jurandir Marlerba.-Londrina:Eduel,2012.184p.il.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeiros, 2013.

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. Artesanato, tradição e mudança social – um estudo a partir da ‘arte do ouro’ de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, Berta G. et all. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983. p. 49-75.

ANDRADE FILHO, João Evangelista. **Mestres do Juazeiro: cotidiano e símbolo na escultura popular**. Brasília: Editora Unb, 1991.

ARAÚJO, Emanuel. Artistas e artífices: ancestralidade, arcaísmos e permanências. Uma introdução à estética popular. AGUILAR, Nelson (Org.). **Mostra do redescobrimento: arte popular**. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000. p. 34-50.

ARAÚJO, Maria de Lourdes. **A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé**. 2005. 260f. il. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BARROSO NETO, Eduardo. Design, Identidade, Cultura e Artesanato. Disponível em http://www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf. Acesso em março de 2016

BEUQUE, Jacques Van de. Arte popular brasileira. In: AGUILAR, Nelson (Org.). **Mostra do redescobrimento: arte popular**. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000, p. 64-75.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARVALHO, Gilmar de. **Artes da tradição: Mestres do povo**. 1ª ed. Fortaleza: Expressão gráfica / Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/ UECE, 2005.

CAVALCANTI, Marcelo. **O Processo de Artificação em Juazeiro do Norte** - Análise do Centro Cultural Mestre Noza. 2011. 201f. II. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no Plural**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1995.

COIMBRA, Silvia; MARTINS, Flávia; DUARTE, Letícia. **O reinado da lua: escultores populares do Nordeste**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1980.

COLI Jorge **O que é Arte**. Editora Brasiliense. São Paulo- SP- 1995

DUMARESC, Carolina. **Mestre Noza**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

FAGUNDES, Ana Paulina de Lima. **Ex-votos escultóricos no Rio Grande do Norte: um estudo sobre arte popular**. 2015.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FROTA, Lélia Coelho (Coord.). **Brasil: arte popular hoje**. Rio de Janeiro: Publicações e Comunicações Ltda., 1987.

_____. Criação individual e coletividade, in: BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **7 brasileiros e seu universo: artes, ofícios, origens e permanências**. Brasília, DF, 1974. p. 40-44.

_____. **Mitopoética de nove artistas brasileiros**. Rio de Janeiro: Fontana, 1975.

_____. **Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro: século XX**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. **Pequeno atlas de cultura popular: Ceará – Juazeiro do Norte**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Folclore; Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1985.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. **Projeto Piloto de Apoio ao Artesão: relatório**. Rio de Janeiro, 1987.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições: finalidades e objetivos**. 3ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora. 2002.

HEINHEIMER, Patrícia. O Museu de Folclore Edison Carneiro e a Casa do Pontal: os discursos sobre o folclore e a arte popular. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007.

JUAÇABA, Heloísa. Cizim. Disponível em:

<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2014/07/cizin.html>. Acesso em: 25. ago.1998.

MASCELANI, Ângela. A Casa do Pontal e suas coleções de arte popular brasileira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 28, 1999.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. A noção de “arte popular” – uma crítica antropológica. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **7 brasileiros e seu universo: artes, ofícios, origens e permanências**. Brasília, DF, 1974. p. 45-50.

OLIVEIRA, Maria CM de; NASCIMENTO, Maria E. B do. A organização da cultura na perspectiva gramsciana. **Verinotio-Revista On-line de Educação e Ciências Humanas**, n. 8, 2008.

PONTES, Luiz Fernando; ANTHONIO, Jorge. **Alma brasileira: uma proposta de mapeamento da força criativa da arte popular**.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de mestre: itinerários da arte e da tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

SILVA, Rita Gama. **Quantos folclores brasileiros? As exposições permanentes do Museu de Folclore Edison Carneiro em perspectiva comparada**. / Rita Gama Silva. Rio de Janeiro:

SOUSA, Ruberval Rodrigues. **De Tradição, artesanato do capim dourado e desenvolvimento local no povoado mumbuca do jalapão em mateiros-TO**. / Ruberval Rodrigues de Sousa.-Campo Grande,MS[s.n],2009.82f. UFRJ / IFCS, 2008. 158 p. il.

VANDIQUE Bastos Júnior, PEREIRA, José Silva Júnior. **ENCONTRO MESTRES DO MUNDO: VISIBILIDADE JORNALÍSTICA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**.

ZALUAR, Amelia. “CONSTRUTORES DO IMAGINÁRIO”: OS ARQUITETOS SEM DIPLOMAS. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 4, n. 1, 2007.

ANEXO

ENTREVISTA COM CÍCERO SIMPLÍCIO. AURORA- CE 25/06/2015

Fabiana: Pois é primeiramente o nome do senhor completo?

Cizim: Cícero Simplício do Nascimento com orgulho.

Fabiana: E a idade?

Cizim: 60 Anos com muito orgulho. (risos)

Fabiana: A profissão?

Cizim: Escultor.

Fabiana: Grau de escolaridade?

Cizim: Analfabeto nato, com muito orgulho também eu não gostei de ser analfabeto não, macho, sei lá, mas não mim interessei não pensei em estudar, mas escolhambava a professora, porque na minha época era a palmatória aí eu não apanho é de ninguém aí ate hoje.

Fabiana: Já trabalhou em alguma coisa diferente? Fora escultura?

Cizim: Já marchante eu sou tio de Geraldinho, ali dono do frigorifico ali perto de Edglêr vizinho à lotérica.

Fabiana: quando o Senhor iniciou essa profissão de escultor?

Cizim: Comecei a trabalhar sabe com dez anos, tenho um irmão que é um artista muito famoso que mora no Rio hoje ele mora no Rio, mas na época era sapateiro, aí ele desenhava muito bem e desenhava escultura de madeira pequena aí eu fui me interessando aí hoje ele conhecido mundial e eu sou conhecido internacional.

Fabiana: Através dele?

Cizim: ? Essa arte ninguém ensina a ninguém não. É um Dom e a pessoa ter força de vontade. (...) Pois é menino ai eu tive força de vontade ai hoje eu sou conhecido, mas toda vida com simplicidade com humildade meu jeito e esse.

Fabiana: O que significa ser escultor pra o senhor?

Cizim: Rapaz pra mim é muito bom. Porque tem muitos amigos da minha época ...

Fabiana: O senhor se sente reconhecido por sua arte?

Cizim: sim! Mundial. Porque olha, eu tenho sessenta anos comecei a esculpir com dez

anos, fazer sucesso com dezoito anos, pois essa essas esculturas tem rodado o mundo todo, eu já consumi carradas de madeiras tudo esculpindo.

Maxwel: Qual a madeira utilizada?

Cizim: *Umburana.*

Fabiana: É fácil de encontrar essa madeira por aqui?

Cizim: *Não ela é rara. La no Centro Cultural de Juazeiro do Norte ele compram de carrada e vendem aos artesãos no meu caso, eu sou um artista artesão, mas eu mim considero escultor, porque tem o artesão que faz aquela estátua pequena de Padre Cícero de são Francisco, e no meu caso dão o nome de escultor que faz escultura de Igreja, o que acontece, ai cada um artista eles vendem um metro de madeira um metro cúbico, Cizim fez varias demonstração de como seria esse metro ai a gente já compra que já vem da Bahia que vem de carradas pra o centro cultural de Juazeiro, essa que eu to fazendo é de um metro.*

Maxwel: Essa madeira não se encontra por aqui não?

Cizim: *Tem. Mais é essa fininha, mas seca assim só na Bahia, essa já é apropriada pra escultura.*

Fabiana: As esculturas do Senhor já foram expostas mundialmente o senhor já participou de alguma exposição dela?

Cizim: *Já participei sem exagero de uma dez.*

Fabiana: Aonde?

Cizim: *Aeroporto Pinto Martins Fortaleza, na Avenida Washington Soares, Fortaleza: No Centro Cultural da Emcetur, Fortaleza e no Centro de Convenção na Beira Mar Fortaleza. Vou tirando primeiro lugar já cinco vezes em Juazeiro. Já recebi premio de dois mil reais de primeiro lugar.*

Fabiana: Quem mais compra as peça do senhor?

Cizim: *Esse trabalho meu, mas o pessoal que faz coleção de arte, inclusive o dono dessa peça (a peça que ele se refere a que estar fazendo para o Deputado) mora em Brasília Deputado Federal, sem eu sabem ele coleciona e gostou do meu estilo, ai encontrou uma peça na internet que eu fiz e ta em São Paulo faz uns vinte anos é um rosto idêntico a esse só que cheio se seres humanos, ai ele viu e gostou e mandou eu fazer (Cizim da exemplo que tem obra em são Paulo do tamanho de uma arvore que tem em frente a sua residência) ((ruídos)) e carro e som passando na hora da entrevista.*

Fabiana: Aqui na cidade de Aurora alguém compra? O senhor se sente reconhecido aqui na cidade?

Cizim: *É o tipo da coisa. É... Mim sinto o seguinte não querendo mim exhibir, mas quando chega pessoa de São Paulo da Alemanha dos outros País quem vem como turista conhecer o Brasil e quando chega Rio, São Paulo que ver meu trabalho no museu que existe Lá tanto em Fortaleza como em São Paulo; ai ele procura mim localizar, o Cizim que sou eu, ai chega em Juazeiro do Norte. Digamos vai no centro cultural e diz eu queria conhecer o artista conhecido como Cizim, mas dentro do centro cultural eu tenho o que sem exagero tem uns trinta trabalhando ao vivo, tem cara lá bom que faz escultura lindas, mas o que acontece eles pegam uma caneta ai risca a madeira todinha, ai vai cavar a madeira todinha em cima do risco, se ele sair de cima do risco ele se atrapalha, e no meu caso não. Eu pego uma madeira normalmente toda original, eu trabalho só com olho nu, só a mente que vai, não tem risco, o risco e minha mente; então eu sou conhecido um cara bom. Eu não vou atrás de arranjo. É como você cantar um cara com violão testando tu tocar; então pra tu cantar bem, tu tem que tocar bem e sozinho é o que faço e é por isso que sou conhecido internacionalmente, por isso gosto do meu trabalho. Aí o pessoal quando chega e Juazeiro do Norte ai vem aqui. Num dia desse veio uns paulista aqui, ai tinha umas peças pequenas ai eles compraram todas, outra vez veio uma Francesa que mim conheceu no aeroporto Pinto Martins ela veio duas vezes aqui em Aurora. E toda vez ela mim compra três mil quatro mil, sinceramente, ai fora uns Japonês uns Alemães vem mim Entrevistar aqui, é porque eles gosta de arte, eles num querem negocio de arranjos não, porque o cara que faz risco num é artista não porque se ele sair do risco ele se perde. Que artista é esse? ((ruídos)) ele faz escultura, lá é assim: se faz mil São Francisco é tudo com um rosto só, eu num acerto porque eles só sabem fazer aquilo eu faço uma banda cabaçal; eu faço um cara moreno tocando pife, eu faço um cara moreno tocando pandeiro, tudo diferente porque num e nem parente é outra arte (nesse momento referindo a banda cabaçal ele faz os movimento como se estivesse tocando com os instrumento vivendo aquela emoção).*

Maxwel: *É outra arte?*

Cizim: *É macho, os cara num sabe macho, num é porque os cara num sabe, num tem o talento, num tem o dom.*

Fabiana: *O senhor é admirador da banda cabaçal?*

Cizim: *Eu gosto desse estilo meio nordestino, retirante, É... seresteiro, eu faço o cara bêbado, com a expressão do bêbado, eu tenho uma fotos aqui eu já pegar pra te mostrar - nessa hora ele se levanta para interpretar o pessoal da banda- pois é rapaz quando um cara é muito bom não falta inimigo os cara fica com inveja, fica em tempo de matar pessoa.*

Fabiana: *O senhor sobrevive só da arte?*

Cizim: *Só da arte, outro detalhe também, tem gente que trabalha numa ganância vou pegar em dinheiro, pegar dois mil três mil, eu não ,eu trabalho é com gosto sabe esse trabalho aqui -ele faz menção ao Cristo que estar esculpindo- eu trabalho com aquele carinho, enquanto eu não vejo ela perfeita eu não paro, sinceramente se fosse para terminar logo era ligeiro era num instante, o que faz o artista ser mais arista, é uma*

peessoa que tem condição como o dono dessa obra aqui, porque ele é um Deputado Federal que ganha muito bem ai eu termino um trabalho desse aqui, Cizim quanto é? Doutor é três mil ai ele deposita na mesma hora, ai eu faço uma escultura dessa pra vender lá no centro cultural Mestre Noza de Juazeiro de Juazeiro do Norte((ruídos)) ai o cara mim compra pra vender a esse cara que ta mim comprando, ai esse trabalho depois de pronto eles compra por quinhentos reais, já pra esse Deputado Federal três mil reais ai, ai, ai, eles multiplica cinco vez o preço ai o artista trabalha com gosto, porque sabe que ta fazendo um trabalho com gosto pra uma pessoa que entende de arte, mas se você trabalha pra quem num entende você fica na ansiedade de fazer logo o artista não trabalha pelo o dinheiro.

Fabiana: O senhor já obteve alguma tristeza durante o seu trabalho? -essa pergunta foi a que, mas mim impressionou durante a entrevista, ele faz uma cara de surpresa como sua resposta.

Cizim: Não, não já tive surpresa, uma escultura que por coincidência fazendo uma escultura, fazendo um rosto de um Cristo quando dei acabamento –Ele ficou mostrando na escultura que tava fazendo o que teria acontecido- essa madeira ela tem uns desenho próprio dela própria ai já aconteceu deu fazer um rosto de um cristo e no canto do olho uma lagrima vermelha mas da madeira. Eu não sabia que ia ficar assim, eu não pinte nada, ai já tive surpresa assim, fazer uma santa e logo no pescoço nasceu um terço da própria natureza, depois do acabamento passa cera de sapato ai você passa, já aconteceu isso, mas tristeza não, às vezes uma mal noticia.

Fabiana- A população aqui da cidade de Aurora reconhece o senhor?

Cizim: Reconhece... - ele ficou pensando

Fabiana: Aqui em Aurora quem, mas compra sua arte?

Cizim: Rapaz. É seguinte, é tipo da coisa aqui em Aurora é ((ruído)) muito fraco, pessoa que gosta de arte comprar uma arte do artista da terra do lugar, num da valor ,como diz o ditado popular o santo de casa não obra milagre, quem mas mim ajudou aqui foi o Doutor Rembrandt o promotor daqui, ele mim comprou muito, mas agora ele parou, agora eu to fazendo pra esse cara de Brasília, e se eu fizer pra mim mesmo, eu não tenho condições de bancar, mas se eu faço um monte peça e tenho condições de viajar para o Rio ou São Paulo o dinheiro ta na mão, é só entregar eu sou realista, eu não posso fazer cinco trabalho pra eu mesmo vender pra mim na loja, nas galerias de são Paulo, porque quando termina uma peça dessa já to precisando pra comprar um pão pro menino, um arroz, eu sou realista e é por isso que sou artista, e eu sou artista desse jeito, mas tem cara que vai da uma entrevista pensa que e o dono do mundo, faz logo uma tatuagem no ombro, bota um brinco, não eu sou eu assim, tá entendendo? É chegou uma Francesa aqui, seu Cizim e eu falei num tem nem arroz pro almoço é... Verdade tem um artista bom, mas a cidade não ajuda, num tem um empresário pra mim bancar ,macho é eu tava de boa, mas ainda to, porque graças a deus, sou pai de quatorze filho ta tudo criado só com essa arte aqui, mas trabalhar mesmo pra ganhar dinheiro ta com dois anos já, eu trabalhava para o centro cultural oboé Fortaleza.

Fabiana: O senhor já recebeu algum incentivo financeiro da Prefeitura de alguma instituição por aqui?

Cizim: Não, não da prefeitura eu só recebi um convite, pra mim ir para Noroega - Noruega pra mim representar o nordeste, de todos os escultor do nordeste, o Estado do Ceara, eu fui um dos escolhido pra participar de uma excursão pra representar o seu estado eu fui um dos escolhido, ai eu não fui porque eu tenho medo de voar - voar - (risos) é recebi o convite. Não foi nessa casa não foi outra casa, ai eu disse vou não, foi Carlos Macedo - ai ele fez o jeito de como Carlos Macedo fez o convite que na época esse Carlos Macedo era o prefeito da cidade Cícero eu vim aqui pra você ir, Doutor vou não ele veio pra tirar o passaporte CPF, num sei o que pra andar de avião, vou nada andar num bicho das asas desse tamanho, ele vai mim engolir vou não, eu tenho ali depois eu vou te mostrar num e querendo aparecer não é porque sempre eu mostro. Uma menina do colégio ali da vila Gonçalves ela veio aqui, mas um moto táxi e me entrevistar ai eu mandei um papel por ela, eu entreguei uma reportagem minha que tem assinatura de Renata Jereissati, quem bancava a passagem, ela levou tá com um ano e num trouxe as não. Sério mesmo ainda vou localizar essa mulher só presta pra mim .

Fabiana: Se é do senhor e do senhor

Cizim: Pois é rapaz já ganhei muito dinheiro com essa arte, trabalhava pra o centro cultural Oboé, Aboé é uma rede financeira que empresta dinheiro, ai acabou a Oboé ai pronto fiquei sem nada, cheguei a comprar cinco casas aqui dentro de Aurora – ai ele mostrou as casa que havia comprado e na, mas possui ganhei dinheiro demais, o que acontece eu pensava que era dono do mundo e fui farrar, dá uma de bacana ai alisei e vivo hoje de aluguel.

Fabiana: Quer dizer que o senhor se sente realizado por esse dom tão especial?

Cizim: Mim sinto. É o tipo da coisa, às vezes quando to bebendo, pego uma televisão de quatorze polegada, coloco no ombro e saio vendendo, pego uma bicicleta ta entendendo? É tem pessoas que tem dificuldade pra arranjar um dinheirinho, eu to atrás de cem reais, o que eu faço? Vou pedir emprestado a compadre fulano de tal, ai vai vender um objeto quando to bebendo ao não ser eu to liso, eu pego um pedaço de pau desse e faço uma santa ligeiramente mesmo barato eu pego em duzentos conto, quer dizer que mim sinto realizado pelo seguinte, não com orgulho que eu agradeço muito a Deus, porque minha mão é uma maquina de fazer dinheiro, mesmo pouquinho mas serve, eu não aleijar eu vou ate os cem anos se Deus quiser, então é isso tem profissão que gosta de trabalhar tem dinheiro toda hora, se eu fosse atrás de uma vaga de servente ai, eles falam venha próxima semana outra hora, queria um emprego rapaz e isso, meu emprego e aqui – ele falou numa naturalidade do seu trabalho ate porque durante toda e entrevista ele estava trabalhando fazendo o que gosta e ganhando o pão de cada dia aqui e meu escritório daqui uns quatro dias eu to com três quatro mil reais entende?

Fabiana: Fora trabalhar com madeira o senhor dá formas a outras coisas como trabalhar com cimento?

Cizim: *Sim. Inclusive tem um trabalho no fórum a Deusa da Justiça que foi eu que fiz ta ai no fórum, já fiz vários trabalho mural, painel varias preciosidade em alto relevo, agente joga o cimento ai vai molhando e deixando os personagem e a mesma coisa de trabalhar com madeira, só que no cimento e melhor você usa só a mente.*

Fabiana: Ai no centro cultural trabalha com madeira ou também com cimento?

Cizim: *Lá é só madeira, La tem varias pessoas que trabalha lá, pois é Fortaleza tem um museu idêntico a do mestre noz. fizeram uma cadeia lá, ai fica os cômodos - isso ele se refere aos departamento onde fica as obras de arte em Fortaleza, também tem a Emcetur que fica no centro de Fortaleza, ai na parte de baixo é só a parte de artesanato de renda feito a mão sabe? ai no primeiro andar e o museu, ai lá tem dezoito escultura minha, ela e visitada todos os dias pelo os turista do outro lado do mundo e na época de férias e milhões de turista tirando foto, querendo saber quem sou eu.*

Fabiana: Ai é sempre um motivo de orgulho né seu Cizim?((ruídos))

Cizim: *É... Nem todo o artista chegou ao ponto que eu cheguei, porque eu não to aqui com uma Hyllux zerada? Porque eu gastei a toa, antes do tempo mas dinheiro eu ganhei demais, um analfabeto chegar a ganhar a mais de vinte mil reais por mês é um exagero, quem ganha esse dinheiro é Juiz, um Promotor e não um analfabeto como eu, mas ganhei eu não soube foi investir, fui farra, fui comprar carro andar trocando violão. Eu toco violão pra caramba, nos tudim toca- ele faz menção aos irmãos é tipo da coisa o cara só e artista se ele se dedicar a arte, eu sou conhecido demais eu amo a minha arte, o cara fica famoso num é por que quer não é o seu trabalho, num e porque o cara quer, conheço muitos que ta com a cabeça branca como minha barda branca que nunca fez sucesso, as vez não gosta do estilo do cara, o cara quer ser, mas não é, mas num é, faz um situarão, mas se não tiver cuidado ele se lasca todinho. Meu trabalho é rústico querer inventar pra ser bacana num dá não, tem que ser o cara mesmo né não?*

Fabiana: Ai dos filhos do senhor o único que seguiu a arte foi?

Cizim: *Foi esse ali Zomim, ele num tem interesse não, já tem emprego. Aqui é pra quem se dedica mesmo eu tenho um menininho aqui com dez anos que eu vou ensinar a ele, vou ver se ele quer depende de questão de gosto e força de vontade, se não num vai não.*

Fabiana: Muito obrigado pela entrevista.

Cizim: *Às suas ordens, eu acho é bom.*